

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM NÍVEL DE MESTRADO
MESTRADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

KARLA ANDREA CÂNDIDO RÊGO SOARES

**DIÁSPORA, DESLOCAMENTO E IDENTIDADE EM *COMO FAZER
AMOR COM UM NEGRO SEM SE CANSAR* DE DANY LAFERRIÈRE**

Porto Velho

2016

KARLA ANDREA CÂNDIDO RÊGO SOARES

**DIÁSPORA, DESLOCAMENTOS E IDENTIDADE EM *COMO FAZER
AMOR COM UM NEGRO SEM SE CANSAR* DE DANY LAFERRIÈRE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Literários, do Departamento de Línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia para obtenção do título de Mestre em Literatura.

Orientadora: Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba

Porto Velho

2016

FICHA CATALOGRÁFICA
BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

S676d

Soares, Karla Andrea Cândido Rêgo

Diáspora, deslocamento e identidade em Como fazer amor com um negro sem se cansar de Dany Laferrière./ Karla Andrea Cândido Rêgo Soares. Porto Velho, Rondônia, 2015.

80 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR.

Orientadora: Prof. Dr.^a Marília Lima Pimentel Cotinguiba.

1. Dany Laferrière. 2. Deslocamentos. 3. Diáspora. 4. Identidade-negro. I. Cotinguiba, Marília Lima Pimentel. II. Título.

CDU: 82-31

Bibliotecária Responsável: Cristiane Marina T. Girard CRB11/897

KARLA ANDREA CÂNDIDO RÊGO SOARES
**DIÁSPORA, DESLOCAMENTOS E IDENTIDADE EM *COMO FAZER AMOR COM
UM NEGRO SEM SE CANSAR* DE DANY LAFERRIÈRE**

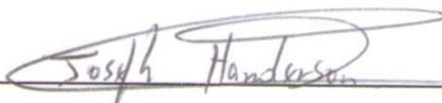
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal Rondônia - UNIR, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários da linha de pesquisa Literatura e Outras Artes.

BANCA EXAMINADORA



Presidente e Orientadora

Professora Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba
Universidade Federal de Rondônia - UNIR



Membro titular (membro externo)

Professor Dr. Joseph Handerson
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP



Membro interno

Professor Dr. Fernando Simplício dos Santos
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Suplente

Professor Dra Sônia Maria Gomes Sampaio
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Porto Velho

2016

DEDICATÓRIA

A Deus que me deu a oportunidade de concretizar meus sonhos. A meu eterno amor, minha filha Aryane, pela paciência e amor imensurável. Aos meus pais Lúcia e Cândido que sempre me encorajaram a persistir nos meus sonhos. Ao meu esposo Elves, pelo carinho e abnegação durante as minhas ausências. Aos meus irmãos Márcia, Kaline, Joaquim, Marcos, Aparecida e Júnior *in memoriam*, por me encorajarem a seguir meus sonhos. A minha avó, pelo amor e por ser o alicerce da minha família. Aos meus tios, primos e amigos, pela ajuda e companheirismo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e à minha família que, durante essa jornada, estiveram ao meu lado, me dando forças e carinho para prosseguir. Sem eles, jamais poderia estar onde estou, jamais chegaria onde cheguei e talvez não tivesse a oportunidade de chegar à Universidade.

À minha orientadora Marília Pimentel Cotinguiba, que generosamente me aceitou e acolheu como sua orientanda. Mostrou-me que é possível concretizarmos nossos projetos, ajudou-me a definir minha pesquisa, e pacientemente me mostrou caminhos e escritores em que nunca havia pensado. Obrigada por tudo, pelo carinho, correções, risadas e orientações.

A meus amigos Lusilene, Larissa, Joama e Carlos, pelo companheirismo, pelas incansáveis horas de estudo, pesquisa e pela ajuda durante o mestrado. Vocês são verdadeiros anjos que Deus colocou na minha vida. Quero sempre tê-los ao meu lado. Meu sincero obrigado.

À minha amiga e co-orientadora Elizabeth Cavalcante de Lima, pela disponibilidade, pelas conversas, pelas correções e contribuições para minha pesquisa. Costumo dizer que nós duas tivemos um encontro de almas. Foi algo muito espontâneo, verdadeiro e que irei levar para o resto da minha vida.

Às minhas amigas Elizete, Fernanda, Angélica e Querla, pela disponibilidade, pela compreensão e pelas conversas sobre minha pesquisa. Agradeço aos amigos de Mestrado Marco, Taianny, Chirlane, Eliézer, Maria Lúcia, Márcio, Chirlane. Agradeço porque Deus me propiciou ter contato com pessoas tão generosas e inteligentes. Agradeço aos gestores da E.E.E.F.M. Antônio Bianco e à Universidade Federal de Rondônia, que durante as aulas do mestrado me apoiaram e me liberaram para cursar as disciplinas.

Aos professores do Mestrado, por me propiciarem novos conhecimentos, pelas aulas e atenção. O meu eterno agradecimento à Marília Pimentel, Miguel Nenevé, Sônia Sampaio, Milena Guidio, Claudia Fernandes, Pedro Monteiro, Júlio Rocha e Hélio Rocha.

Aos membros da banca, colegas de Mestrado e escritores haitianos, por contribuírem para minha pesquisa e por mostrarem que podemos ser ouvidos.

A aurora chegou, como sempre, sem que eu percebesse. Delicada. Raios de sol finos e suaves. Como as patas de um São Bernardo. O romance me olha, aqui, em cima da mesa, ao lado de minha velha Remington, dentro de um grande fichário vermelho. Ele é rechonchudo como um buldogue, meu romance. Minha única chance. Vá.

Dany Laferrière

RESUMO

Este trabalho analisa a constituição do negro da diáspora, a partir do olhar do colonizador, refletindo como a literatura explora a subjetificação, os aspectos identitários, sociais e políticos vivenciados pelo negro em processo de diáspora, fazendo um contraponto com a obra *Como fazer amor com um negro sem se cansar* (2012), de Windsor Kléber Laferrière, escritor haitiano, radicalizado quebequense, primeiro romance do autor que faz parte de uma coleção de 10 livros da sua autobiografia americana. A pesquisa usou de recortes teóricos do conceito de hibridização, desterritorialização, assim como dos estudos Pós-Coloniais fundamentados por Frantz Fanon (2005 e 2008), Albert Memmi (1989), Afredo Bosi (1992), Stuart Hall (2003), Homi Bhabha (1998), Bonnici (2000 e 2009), entre outros, que exploram o conceito de cultura, a diáspora e identidade cultural. Analisamos a representação da identidade do negro na diáspora, de suas manifestações culturais, da concepção de sujeito construída e assumida nesse processo diaspórico, que passam de certa forma a determinar e hibridizar as identidades assumidas por esse sujeito, uma vez que essa identidade cultural vai ser parte de suas relações e das interações que compartilha historicamente. Trata-se de uma hegemonia de valores, que esse sujeito compartilha com a sociedade que o acolhe, estabelecendo parâmetros de interligações entre sua cultura e a do Outro, falando de um 'entre lugar' segundo Homi Bhabha (1998). Para a explanação da referida obra, serão utilizadas as ideias de diáspora, identidade e deslocamentos, proposta por Hall em *Identidade Cultural na pós-modernidade*, de onde pode-se discutir a identidade que o sujeito assume nessas múltiplas inter-relações do sujeito na diáspora, observando-se que a identidade de um sujeito não é marcada pelas suas diferenças, mas pelas relações e culturas que compartilha e divide com o Outro. Com isso, o objetivo da pesquisa está em explorar a literatura, as interações, a identidade cultural e a resistência do povo haitiano nesse processo de diáspora.

PALAVRAS-CHAVE: Dany Laferrière. Deslocamentos. Diáspora. Identidade. Negro.

ABSTRACT

This paper analyzes the formation of the black diaspora, from the look of the colonizer, reflecting as literature explores the subjectification, the identity, social and political experienced by the black diaspora process, a counterpoint to the work *How to make love with a black without tiring* (2012), the Windsor Klébert Laferrière, Haitian writer, radicalized Québec, first novel of the author who is part of a collection of 10 books of his American autobiography. The research use of theoretical clippings of the concept of hybridization, dispossession, and the Postcolonial studies, founded by Frantz Fanon (2005 and 2008), Albert Memmi (1989), Alfredo Bosi (1992), Stuart Hall (2003), Homi Bhabha (1998), Bonnici (2000 and 2009) among others, they are exploring the concept of culture, diaspora and cultural identity. We have analyzed the representation of the identity of the black diaspora, its cultural manifestations, the design subject constructed and assumed that diasporic process, passing somehow determine hybridization identities assumed by this subject, since this cultural identity will be part of their relationships and interactions that shares historically. It is a hegemony of values, this guy shares with the society that welcomed, establishing parameters of interconnections between their culture and the Other, talking about a 'place between' second Homi Bhabha (1998). For the explanation that work will be used diaspora ideas, identity and displacement, proposed by Hall and *Cultural Identity in postmodernity*, where we can discuss the identity the subject assumes these multiple interrelations of the subject in the diáspora, observing the identity of a subject is not selected by their differences, but by the relationships and cultures that shares and shares with Other. Thus, the objective of the research is to explore the literature, the interactions, the cultural identity and strength of the Haitian people in this diaspora process.

KEY WORDS: Dany Laferrière. Displacements. Diaspora. Identity. Black.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
SEÇÃO I – HAITI: HISTÓRIA E LITERATURA	
1.1 Um breve panorama da história do Haiti	15
1.2 Movimentos literários da literatura haitiana	22
1.3 Ecos da literatura haitiana ao longo de sua história.....	26
SEÇÃO II - PÓS-COLONIALISMO	
2.1 Breve histórico sob o Pós-colonialismo	33
2.2 A literatura pós-colonial: identidade e resistência	36
SEÇÃO III - DANY LAFERRIÈRE E SUA ESTREITA RELAÇÃO COM O HAITI E MONTREAL	
3.1 Dany Laferrière: biografia e obras	43
3.2 O romance <i>Como fazer amor com um negro sem se cansar</i>	48
SEÇÃO IV - DIÁSPORA, DESLOCAMENTOS E RESISTÊNCIAS	
4.1 Sujeito de a diáspora e seus deslocamentos na obra “ <i>Como fazer amor com um negro sem se cansar</i> ”.....	60
4.2 Resistências e lutas pela afirmação de uma nação na obra de Laferrière	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS.....	77

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa sobre um dos livros do escritor haitiano Dany Laferrière, qual seja, *Como fazer amor com um negro sem se cansar*. Ao propor a análise dessa obra, buscamos compreender como ocorrem as interações culturais, a identidade cultural e a resistência do sujeito negro, nesse processo de diáspora, presentes na literatura de Dany Laferrière. Para isso, analisamos os aspectos sociológicos, históricos, culturais e identitários presentes na obra estudada, na produção cultural e no discurso estabelecido pelos personagens nesse lugar que o acolhe, utilizando um estudo bibliográfico e qualitativo.

O movimento de exilar-se, de transpor as barreiras além do seu país, é recorrente, quando se trata do povo haitiano. Esses deslocamentos perfazem a história de muitos escritores do Haiti, que tiveram que sair de seu país por causa do regime ditatorial de François Duvalier. Dentre esses escritores, está Dany Laferrière, que se aventurou em solo americano, onde escreveu o que ele considera ser sua “autobiografia americana”, é sua primeira obra escrita em Montreal, em 1985, intitulada *Como fazer amor com um negro sem se cansar*.

Esse livro é como um espelho da alma de dois negros em processo de diáspora, exilados em Montreal, mas que não se deixam revelar por completo, pois não se sabe ao certo suas nacionalidades, ou o que levaram os amigos a habitarem essa cidade. A obra registra as primeiras percepções que esses jovens têm desse novo lugar, considerado pelos personagens do romance como “uma terra prometida”.

A obra de Dany Laferrière se constitui como uma denúncia às condições sub-humanas que o sujeito da diáspora vive, na transição entre a saída de sua terra natal e a chegada ao país que o acolhe. O autor traz, nessa obra, um pouco da sua história de exilado, em Montreal. Dessa forma, representa o sentimento de desterritorialização, as heterogeneidades vivenciadas nesse novo lar, que permeiam a sua escrita, além das fronteiras de seu país.

O narrador-personagem Vieux (velho em francês) se desloca entre os espaços físicos, geográficos e psicológicos. Ao longo do romance, está sempre lendo algum livro e escrevendo seu romance, que parece retratar sua própria história. Já seu amigo Buba, poucas vezes compartilha suas expectativas ou estabelece um diálogo com os demais personagens. Passa a maior parte do tempo meditando e lendo o Corão. Nesse sentido, analisamos como se processa esse embate de culturas e de diferenças entre os negros

que vivenciam a diáspora e os canadenses, que, de certa forma, são apresentadas na obra de maneira irônica.

Compreende-se, assim, que esses deslocamentos físicos e culturais ultrapassam a barreira geográfica, contribuindo para o acolhimento de uma nova cultura e de uma nova linguagem. Mesmo diante dessas diversidades, buscamos compreender como os negros se firmam e se constituem enquanto colonizados durante o processo de ocupação do seu país, buscando entender as estratégias de revide utilizadas por esse grupo, através de seus costumes, da língua e da religião, explorados na literatura.

Nosso objetivo, diante dessa infinidade de aspectos da cultura negra, é estudar a diáspora, os deslocamentos e a identidade do sujeito que vivencia esse processo, buscando estabelecer as relações de dominação e sujeição presentes no livro, através da análise dessa obra literária, a partir do viés dos estudos pós-coloniais. O método utilizado foi o qualitativo, usando da metodologia de pesquisa bibliográfica e a análise do arcabouço teórico que explora as temáticas da diáspora e da identidade do negro.

A temática da diáspora vem sendo bastante explorada, isto se deve ao fato dos estudos culturais, migratórios e pós-coloniais trazerem para esse cenário uma discussão sobre a migração, a resistência e os deslocamentos do sujeito na pós-modernidade, referem-se a esse sujeito desterritorializado como um ser deslocado de sua cultura, de sua língua e de sua identidade.

Pensando nessa ideia de deslocamento e exílio, no livro *Como fazer amor com um negro sem se cansar*, o autor mostra a diversidade cultural vivenciada por dois negros da diáspora em Montreal. E ele representa a complexa relação do negro com a cultura e com a sociedade canadense, fazendo um contraponto entre a visão do colonizador sobre o colonizado, desde a época da ocupação do seu país.

Apesar de não se considerar um escritor pós-colonial, é possível ler essa obra de Dany Laferrière pelo viés do pós-colonialismo, sobretudo quando o narrador evidencia a visão do colonizador (branco) sobre o colonizado (negro) em várias passagens da narrativa. Ao explorar, por conseguinte, essa visão pressupõe a ideia de que o colonizado é um ser sem cultura ou identidade, que necessita de uma nova cultura, de uma nova língua e necessita assumir uma nova identidade.

Como exemplo dessa sujeição do colonizado ao colonizador, citamos a presença da sociedade francesa e americana no processo de colonização do Haiti. Nesse sentido, propomo-nos analisar o livro *Como fazer amor com um negro sem se cansar* sob a ótica do conceito de identidade e cultura, apresentando ao leitor parte das atrocidades e

catástrofes que a colonização trouxe para diversos países que tiveram sua história suplantada, assim como o Haiti. Entretanto, para tornar-se uma sociedade livre da França o Haiti sofreu embargos políticos e ficou à mercê da própria sorte, sem poder negociar com outros países e vender suas produções agrícolas, que eram suas principais fontes de renda, com isso o país foi tornando-se cada vez mais pobre.

Quanto à permanência de tropas americanas de 1915 a 1934 no Haiti, esta trouxe um estereótipo da visão do negro como um ser bárbaro, sem alma ou direitos. E no que desrespeito a tal característica, ao mesmo tempo em que os haitianos tentavam se recuperar economicamente, eles também sofriam com os pré-conceitos estabelecidos por povos que colonizaram o país, e que, de alguma forma, esses imaginários da cultura e crença haitiana são mal vistos até hoje por alguns haitianos e por pessoas que desconhecem a cultura haitiana. Outro fator que trouxe muita opressão e barbáries para o povo haitiano foi a criação da guarda nacional, que acabou por dar mais poderio político à ditadura de François Duvalier, que assolou o país por muitos anos.

Dany Laferrière, escritor haitiano, radicalizado quebequense, exilado no Canadá por causa da ditadura Duvalier, foi um dos autores que denunciou essas atrocidades e barbáries sofridas pelo povo haitiano através de suas obras, descrevendo a visão do Outro, a ideia de pertencimento do negro na diáspora, o processo de hibridização da cultura africana, frente a essa nova cultura.

Diante disso, os haitianos passaram a incorporar a cultura e a visão do colonizador, no sentido de se sentirem diferentes do Outro, buscando uma forma de afirmação e ressignificação de sua identidade. Assim, buscamos tratar do conceito de identidades, deslocamento e diáspora desse sujeito que sai de seu país e assume uma identidade ressignificada, de acordo com a bagagem cultural e social que vivencia nesse “entre lugar”, que é um lugar de embates de ideologias, de cultura e de afirmação desse ser desterritorializado.

O contato com outras culturas faz com que o sujeito da diáspora se sinta deslocado nesse espaço de exílio, local que nem é sua terra natal nem é a terra em que este sonha em construir sua vida. É um lugar onde o sujeito tenta ter vez, onde busca ser ouvido e ter direitos.

Esse desejo em constituir-se nessa sociedade, como parte dela, mas não aniquilando a sua cultura e a sua identidade, permite que o sujeito agregue valores à nação que o acolhe e incorpore partes da cultura dessa sociedade à sua vida ao habitar nesse novo lugar.

Com isso, o negro vai explorando um novo conceito de cultura e fazendo um contraponto entre a cultura do país que o acolheu e a de seu país de origem. Esse tipo de análise da cultura do Outro traz para a obra de Dany Laferrière elementos históricos, políticos e culturais que levaram países franceses e americanos a verem o Haiti apenas como um país que pratica o vodu¹.

Essas ideias distorcidas contra a cultura haitiana se relacionam com a ideia de que uma cultura considerada superior faz de uma cultura considerada menos abastarda, do ponto de vista do colonizador. Para essas discussões pretendemos explorar os estudos de Alfredo Bosi (1992), Aníbal Quijano (2005), Frantz Fanon (2005, 2008), Aimé Césaire (1978) e Alberto Memmi (1989), que destacam a visão do colonizador sobre o colonizado e as estratégias de colonização, através da língua, da cultura e dos costumes impostos pelo colonizador.

No intuito de dar visibilidade ao conceito de cultura e identidade, evidenciaremos os estudos de Homi Bhabha (1998), de Stuart Hall (2003) e de Thomas Bonnici (2009) sobre a construção de uma cultura na pós-modernidade e como os sujeitos culturais são vistos no processo de diáspora.

Diante do que foi proposto neste estudo, organizamos esta dissertação em quatro seções.

Na seção I, intitulada “Haiti, história e literatura”, apresentamos a história do Haiti. Primeiro, fizemos um breve panorama da luta do Haiti pela sua independência e o processo de exílio de alguns autores haitianos. Depois, fizemos uma revisão sobre os movimentos literários e as literaturas haitianas.

Na seção II, “Pós-colonialismo”, analisamos os aportes teóricos que norteiam as discussões sobre literatura pós-colonial, identidade e resistência. Inicialmente destacamos o que é o pós-colonialismo, depois apresentamos algumas características das literaturas Pós-coloniais e as ideias de Bonnici e Hall sobre identidade e resistência nesse tipo de literatura.

Na seção III, nomeada “Dany Laferrière e sua estreita relação com o Haiti e Montreal”, apresentamos a biografia, a trajetória política e a escrita do autor de *Como fazer amor com um negro sem se cansar*. Exploramos um pouco de suas obras, situando o leitor quanto à contextualização histórica de quando essas obras foram produzidas.

¹ Religião africana, proveniente dos povos iorubas de Dahomey, baseada na ontogênese, inspirada na ideia de conexão dos vivos com os mortos, através de rituais.

Na seção IV, “Diáspora, deslocamentos e resistências”, por meio de análise da obra *Como fazer amor com um negro sem se cansar*, trazemos para o leitor a visão do sujeito da diáspora, seu processo de luta e afirmação frente à cultura do colonizador, sob a ótica dos estudos Pós-coloniais.

Diante de tais proposições, apresentamos o Haiti e seus movimentos literários, que nos permitiu compreender historicamente como ocorreram as implicações políticas, ideológicas e o enfrentamento frente a uma cultura colonizadora.

1. HAITI, HISTÓRIA E LITERATURA

Esta seção mostra um pouco da história do Haiti, do processo de colonização pelos franceses e americanos e do sentimento de desterritorialização vivido pelos haitianos. Tais processos trazem à tona o extermínio dos índios *arawaks* e *tainos* que habitavam a ilha de São Domingos (Haiti), bem como as revoluções dos negros contra os colonizadores. Procuramos explorar as literaturas e movimentos literários que eclodiram na década de 1920 e 1930, como forma de apresentar a cultura e as atrocidades vivenciadas pelo povo haitiano durante o processo de colonização e independência do Haiti.

1.1 UM BREVE PANORAMA DA HISTÓRIA DO HAITI

O Haiti é um país com cerca de 27.500 quilômetros quadrados. É considerado a primeira República negra do mundo; localiza-se no Caribe e até 1804 pertencia à antiga Colônia da França, de onde herdaram o idioma, a religião católica, entre outros costumes do colonizador².

O processo de colonização de um país sempre é algo muito controverso, de um lado está o interesse do colonizador em desbravar novas terras, em reproduzir sua cultura e o errôneo conceito de civilizar outros povos; do outro lado, está o colonizado, encantado com o novo, sem se dar conta do que está por vir. Com isso, o colonizado encontra-se como vítima, fruto do choque de culturas, a exploração do trabalho e a aniquilação de uma cultura sobre a outra.

Para compreendermos o processo de identidade haitiana é necessário remontarmos à história não oficial da colonização do país; é preciso darmos visibilidade às tantas histórias silenciadas e recontarmos o que foi encoberto pelo colonizador. Para tanto, é necessário trazermos à tona as barbáries sofridas pelos haitianos desde a colonização de seu país. Uma das formas de representar a história silenciada é a literatura produzida por povos colonizados, que demonstram a visão de quem teve sua cultura e costumes apagados pela cultura do colonizador.

Dany Laferrière mostra, na sua obra *Como fazer amor com um negro sem se cansar*, que, desde a época da colonização de seu país, o negro tenta construir sua

² LOUIDOR, Wooldy E. *Uma história paradoxal*. In. *Haiti por si: a reconquista da independência roubada*. Adriana Santiago (Org.). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

identidade nas infinitas diversidades, que o colonizador trouxe com o processo de colonização. Para o autor, essa ideia de identidade é construída a partir das relações que o sujeito da diáspora vivencia com as pessoas do país que o acolhe. Para ele, essa relação produz diferentes sentimentos nesse sujeito: o de não pertencer a seu país de origem e ao país que o acolhe, o sentimento de perda de identidade e o de apropriação de uma nova cultura.

Ademais, esses sentimentos vivenciados pelo sujeito da diáspora refletem o quanto os negros sofreram com o processo de colonização e com as duras ditaduras vivenciadas desde os primórdios do processo de ocupação das terras haitianas.

Segundo Tzvetan Todorov (2003), em seu livro *A Conquista da América*, os primeiros relatos sobre o processo de colonização do Haiti datam de 1492, com a chegada de Cristóvão Colombo às ilhas onde hoje é o Haiti e República Dominicana. As grandes navegações europeias, em busca de conquistar novas terras e aumentar o poderio econômico europeu, levaram os espanhóis a descobrirem as terras que hoje formam o Haiti.

Diante de tamanha beleza, os colonizadores espanhóis deram o nome à ilha de *Hispaniola*³, em homenagem à Espanha. Essa ilha era habitada pelos índios *arawaks*⁴ e *tainos*⁵, que aos olhos do colonizador eram seres considerados estranhos e foram chamados de índios porque os espanhóis achavam que tinham chegado à Índia.

Quando os primeiros colonizadores chegaram ao à ilha de *Hispaniola*, passaram a dominar os indígenas da etnia *arawak*. Isso desencadeou um confronto entre a cultura desses dois povos. Os nativos que habitavam a ilha tinham toda uma história, seus costumes, suas crenças, mas tudo isso foi subjugado pelo colonizador.

Os *arawaks* cultivavam a terra, cultuavam seus mortos e produziam seu próprio alimento, mas o processo de colonização os deixou vulneráveis. A relação

³ Nome dado pelos espanhóis à ilha, onde está localizado o Haiti.

⁴ Grupo indígena aborígine da América, que vivia no entorno do Caribe, praticavam a agricultura, a coleta e a pesca. Produziam seu próprio alimento e cerâmicas ricas em adornos, com pinturas nas cores amarelo, branco e preto. Eram um povo pacífico e acolhedor. Foram os primeiros ameríndios a ter contato com o europeu. Disponível em <http://casamericalatina.pt/2014/01/06/entrevista-a-diniz-conefrey-sobre-a-civilizacao-taina/>. Acesso em 02 de abril de 2016.

⁵ Grupo indígena pré-colombiano das Bahamas e das Antilhas, eram pacíficos, possuíam diversos troncos linguísticos, entre eles o taino clássico e o taino ciboney. Com a chegada dos colonizadores espanhóis, muitos índios dessa etnia foram exterminados por doenças e exaustão, devido aos penosos trabalhos que os colonizadores impunham. Disponível em: <http://casamericalatina.pt/2014/01/06/entrevista-a-diniz-conefrey-sobre-a-civilizacao-taina/>. Acesso em 10 de maio de 2016.

com o Outro apagou toda a história desse povo. Para Tzvetan Todorov (2003), em seu livro *A Conquista da América*, o encontro com os povos conquistados da América produziu vários embates entre colonizadores e colonizados. O autor mostra elementos desse encontro no seguinte trecho:

O encontro nunca mais atingirá tal intensidade, se é que esta é a palavra adequada. O século XVI veria perpetrar-se o maior genocídio da história da humanidade. Mas não é unicamente por ser um encontro extremo, e exemplar, que a descoberta da América é essencial para nós, hoje. Além deste valor paradigmático, ela possui outro, de causalidade direta. A história do globo é, claro, feita de conquistas e derrotas, de colonizações e descobertas dos outros; mas, como tentarei mostrar, é a conquista da América que anuncia e funda nossa identidade presente. Apesar de toda data que permite separar duas épocas ser arbitrária, nenhuma é mais indicada para marcar o início da era moderna do que o ano de 1492, ano em que Colombo atravessa o oceano Atlântico (TODOROV, 2003, p.05).

Para os colonizadores, a conquista da América foi um feito glorioso, em contrapartida, os povos dominados viveram um verdadeiro massacre da sua cultura, identidade e dignidade. Os habitantes dessa ilha foram considerados bárbaros, objetificados e explorados durante muito tempo, sofreram atrocidades e genocídios tudo em nome do processo de expansão e modernização europeia.

Henrique Dussel (1993), explica em seu livro *1492, O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*, que 1492 foi o ano do nascimento da modernidade, que teve como foco inicial a Europa. Esse processo trouxe o não reconhecimento de outras nações e o encobrimento do outro (colonizado) pelo processo de colonização e expansão do poderio europeu pelas terras latinas.

O desejo e a ganância por descobrir novas terras, mais riquezas e impor a cultura europeia, trouxe a falsa ideia de avanço de uma cultura superior sobre uma cultura considerada inferior. Tal intento trouxe consigo um rastro de destruição e aniquilamento de uma cultura e de uma nação sobre a outra.

Ao estabelecer a inferioridade de uma cultura dominante sobre uma cultura dominada, desde os primórdios da colonização do à ilha de *Hispaniola*, o colonizador traz consigo um massacre dos primeiros habitantes indígenas dessa terra. O intento de domesticar os índios não sucedeu como o esperado e, para isso, a única solução era agir com tamanha agressividade, a ponto de matar vários índios para que os demais se tornassem submissos.

Na obra de Dany Laferrière, pode-se perceber que o índio, desde o século XV, foi visto como um ser inferior à raça branca, considerada superior. Isso comprova que as relações entre índios e pessoas de pele branca era algo inadmissível na população daquela época, a ponto dos índios estudantes serem despachados para suas aldeias devido à preocupação com a exterminação da raça branca através das doenças sexualmente transmissíveis. Como pode ser percebido no seguinte trecho,

Isso durou até que todos os índios se tornaram vítimas de uma sífilis crônica. Como esse fato ameaçava em sua sobrevivência a raça branca anglo-saxã, o Establishment parou o massacre a tempo. As garotas Wasp foram tratadas drasticamente com penicilina, depois de os estudantes índios serem despachados de volta para as suas respectivas reservas a fim de concluir tranquilamente o genocídio iniciado com as Descobertas (LAFERRIÈRE, 2012, p.18).

Depois que os índios foram entregues à própria sorte, a vida das classes superiores seguia tranquilamente como se nada tivesse acontecido. A classe dominante impunha sua autoridade sobre a classe inferior. Pouco se pensava no outro, na sua sobrevivência e na dignidade enquanto ser humano.

O processo de colonização do à ilha de *Hispaniola* pelos espanhóis dizimou inúmeros índios da etnia *arawak* e *tainos*, esses povos eram considerados pacíficos e não conheciam ainda armas e formas de se defender do colonizador. No ano de 1495, cerca de 1.500 índios foram caçados e presos em cercos vigiados por espanhóis e cachorros. Sem contar os inúmeros índios queimados, enforcados e os que matavam os próprios filhos para que estes não viessem a cair nas mãos do colonizador.

Após o genocídio de cerca de 250.000 habitantes da ilha e a escassez do ouro na região, o colonizador passou a explorar ao máximo a mão de obra braçal dos índios que ainda restaram em *Hispaniola*. Para isso, os índios foram escravizados com o intuito de que trabalhassem nas fazendas, que eram chamadas de 'encomendas'. Como não se acostumavam ao trabalho árduo, milhares de indígenas morreram. Em 1550 não houve nenhum relato da etnia *arawak* nessa ilha.

A colonização da América, para muitos indígenas, significou a dizimação de inúmeras tribos e o encobrimento desse povo pelos europeus, que em nome do progresso e da religião dominaram, escravizaram e exterminaram os primeiros habitantes da ilha *Hispaniola*.

Para Louidor, o resultado dessa empreitada trouxe a negação do outro, a subjugação de uma raça sobre a outra. Para esse autor:

Os colonizadores europeus converteram o continente no 'novo mundo' e seus habitantes originários em "bárbaros": converteram a América no Outro para justamente negá-la como o outro, encobri-la em sua alteridade. O outro foi declarado bárbaro, era preciso evangelizá-lo, reduzi-lo à escravidão, absorvê-lo. O outro era considerado um objeto e não um sujeito (LOUIDOR, 2013, p.16).

O processo de aculturação dos índios durante a colonização da ilha de *Hispaniola* também trouxe vários métodos de exploração física de uma raça sobre a outra. O colonizador só se preocupou com seus interesses. Os índios, para eles não passavam de meios para explorar a terra e suas riquezas. Quando estes se revoltavam e tentavam resistir ao colonizador, eram açoitados, escravizados e mortos.

Com o extermínio dos índios por diversos fatores, os espanhóis já não dispunham de mão de obra e, por isso, necessitavam de escravos para lhes servirem. Após esse acontecimento, a ilha *Hispaniola* passou a se chamar *Saint-Domingue*. Mas a partir do Tratado de *Ryswick*⁶, em 1697, a parte ocidental da ilha, que hoje é o Haiti, passou a pertencer aos franceses e, no início do século XVIII, cerca de 864.000 escravos negros foram levados a *Saint-Domingue*, onde eram maltratados, não recebiam alimentação adequada, e qualquer tipo de revolta era passível de mutilações⁷. Posteriormente, a ilha foi dividida, vindo a tornar-se Haiti e República Dominicana. A escravização dos negros trouxe benesses apenas para os colonizadores, para os povos escravizados trouxe uma verdadeira aversão à colonização. Laferrière revela em sua obra a distância entre a cultura negra e a cultura branca até nos dias atuais, como apresenta no seguinte trecho:

Então, para uma Chinesa e um Chinês o Arroz é algo sagrado. Enquanto que para Miz Sophisticated Lady uma tigela de arroz é uma tigela de arroz. Ela recusa até que eu chame um táxi para ela. O orgulho dos donos do mundo. Ela vai embora, e quanto mais eu reflito, mais tenho tendência a acreditar que se trata menos de uma questão de arroz e mais de um antigo mal-entendido histórico, irreparável, total, definitivo, um mal-entendido de raça, de casta, de classe, de sexo, de povo e de religião (LAFERRIÈRE, 2012, p.75).

⁶ Tratado firmado em 1697, na cidade Holandesa de Rywick, tinha a finalidade de trazer a paz entre a França, Inglaterra e Países Baixos. Após esse tratado, a França passou a ter o direito à parte ocidental da Ilha Hispaniola.

⁷ LOUIDOR, Wooldy E. *Uma história paradoxal. In. Haiti por si: a reconquista da independência roubada*. Adriana Santiago (Org.). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

A questão racial é tratada na obra de Dany Laferrière como uma aversão ao que está relacionado ao sujeito em processo de diáspora. Para o escritor essas percepções quanto ao preconceito arraigado na sociedade canadense se interligam a acontecimentos traumáticos do passado dos negros, que de certa forma, ainda são muito atuais, nesse contexto de diáspora.

Muitos dos escravos que chegaram à ilha vivenciaram esses acontecimentos traumáticos, já que muitos morreram devido a trabalhos exaustivos, pois eram forçados a trabalhar nas plantações de açúcar, algodão, café, entre outras culturas. Com isso, *Saint-Domingue* passa a ser umas das colônias mais lucrativas.

Para Henrique Dussel, a colonização trouxe a imposição da cultura e uma famigerada matança dos povos que habitavam os territórios colonizados pela Europa.

Uma vez reconhecidos os territórios, geograficamente, passavam-se ao controle dos corpos, das pessoas: era necessário 'pacificá-las' – dizia-se na época. Quem estabelece sobre outros povos a dominação do mundo espanhol (posteriormente do europeu em geral) é um militar, um guerreiro. O 'conquistador' 'o primeiro homem moderno ativo, prático, que impõe sua 'individualidade' violenta a outras pessoas, ao Outro (DUSSEL, 1993, p.43).

Diante desse cenário de dominação e crueldade, os colonizados da ilha começaram a se rebelar contra os colonizadores. Com isso, tem início a revolta de *Saint-Domingue*, tendo diversas estratégias de revide e resistência. Os habitantes passaram a usar a sabedoria popular do uso de ervas, as danças e manifestações religiosas, para que pudessem organizar as revoltas contra os colonizadores franceses.

Para Wladimir V. Filho, o processo de colonização do Haiti foi altamente lucrativo para os espanhóis e franceses, pois segundo o autor

A exploração comercial da cana-de-açúcar, pela França, no Haiti logrou alta produtividade e lucros sem precedentes na história francesa. A sociedade local caracterizava-se por uma forte estratificação. A escravidão se estendeu por 130 anos, até que em 1791, uma revolta liderada pelos ex-escravos Toussaint l'Ouverture, Jean Jacques Dessalines e Henri Cristophe, tomou parte da colônia, num conflito que durou 12 anos e resultaria na proclamação de uma Constituição e de uma República independente (FILHO, 2007, p.142).

Aos poucos, esse panorama de subjugação da cultura do outro foi mudando através das revoltas contra os maus-tratos dos colonizadores com os habitantes do

Saint-Domingue. Em 1791, essas revoltas foram lideradas por Toussaint L'Overture, que no ano de 1801 foi nomeado governador vitalício do país, sendo deposto do cargo pelos franceses que queriam retomar o poder da ilha.

A revolta haitiana se constituiu como um espaço de denúncias contra a colonização, imposta por franceses e americanos. Essas revoluções, consequentemente, culminaram com a independência do país em 1804.

O desejo de liberdade, de se tornarem livres da opressão, leva o povo haitiano a buscar na revolta um meio de se libertar do colonizador. Entretanto, essa falsa ideia de liberdade traz outras formas de opressões para o país, como por exemplo, as ditaduras impostas e embargos dos produtos produzidos por *Saint-Domingue*. Segundo Alfredo Bosi, a máquina da colonização não se importa com o colonizado, pois para ele,

Se procurarmos extrair um significado comum e mais geral dos desencontros apontados, surpreenderemos a dialética de um complexo formado de tempos sociais distintos, cuja simultaneidade é estrutural, pois estrutural é a compresença de dominantes e dominados, e estrutural é a sua contradição (BOSI, 1993, p.61).

Nesse sentido, compreende-se que a independência haitiana custou muito caro para o país, trouxe consigo um rastro de mutilações, mortes e embargos políticos. Após a independência, começa-se a travar a batalha dos regimes governamentais que iriam atuar no país. Tais regimes baseavam-se nas estruturas de classes raciais. Os mulatos⁸ descendentes dos brancos consideravam-se aptos e os primeiros na linha de governança, depois vinham os negros.

Outra batalha a ser travada pós-independência referia-se à religião dos habitantes do país, pois devido à composição cultural dos governantes do Haiti ser na grande maioria composta por católicos, os haitianos eram perseguidos por serem adeptos do vodu, religião praticada pela grande maioria da nação. O vodu era visto como algo satânico, algo que envolvia bruxaria e sacrifícios humanos.

Dessa forma, a independência política não conseguiu resolver os problemas financeiros, sociais e culturais, que o país enfrentava, já que o processo de independência do Haiti trouxe à tona a depreciação da cultura, das crenças e da religião haitiana. Para pesquisadora Eliesse Scaramal, as religiões dos colonizadores pautavam-se no etnocentrismo. De acordo com a autora,

⁸ Nome dado à sociedade composta por filhos de negros com os brancos, que nasceram no Haiti. Portanto, consideravam-se descendentes dos franceses e superiores aos negros haitianos.

Sabe-se que o fenômeno etnocêntrico é universal e culturalmente temporalizado, assim como é um fato que as diversidades, incluindo a religiosa, sempre existiram. Porém, isso não significa que essas diversidades tenham sempre sido reconhecidas em suas positivities. Nesse sentido, as hierarquizações classificatórias que diferenciam negativamente as religiões demograficamente minoritárias, como as religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras, por exemplo, são uma continuidade da situação de colonialismo e etnocentrismo iluminista (SCARAMAL, 2012, p.8).

Passou-se muito tempo até o vodu ser visto como uma religião igual a qualquer outra, embora tenha sofrido preconceitos até os dias atuais. Esses estereótipos quanto à prática do vodu e quanto ao canibalismo trazem à tona uma violência simbólica da cultura haitiana. O Haiti passa a ser visto como um país de selvagens e enganadores, que usavam o vodu para iludir as pessoas.

1.2. MOVIMENTOS LITERÁRIOS HAITIANOS

Os primeiros movimentos intelectuais produzidos no Haiti surgem a partir das manifestações pró-independência. Essas produções intelectuais consistiam na elaboração de discursos que rememoravam a situação do país diante da colonização.

O período compreendido entre 1830 a 1930 foi marcado pelo movimento literário chamado Romantismo. Nesse período, os escritores eram na grande maioria da classe alta, dominavam o francês e escreviam nos jornais locais, quase não havia distribuição do que era escrito, pois grande parte da população era analfabeta.

Esses movimentos intelectuais foram encabeçados pelos mulatos filhos de comerciantes haitianos, que mandaram seus filhos para estudar na França. Lá estava muito em voga a valorização da cultura negra por meio da arte.

Com a queda do preço do café haitiano na Europa, os filhos desses comerciantes tiveram que retornar para o seu país. Quando chegaram ao Haiti, esses estudantes começaram a publicar artigos que falavam sobre a ocupação de sua terra natal, sobre os povos africanos e asiáticos que compunham a sociedade haitiana, mas que eram rebaixados na literatura colonial.

O regime ditatorial imposto ao Haiti, pela ditadura Duvalier⁹, fez com que vários escritores se exilassem em outros países. Nesse processo de diáspora, além das fronteiras de seu país, levou esses escritores a produzirem literaturas de fronteira, que rememoravam a condição do negro da diáspora, valorizavam a literatura nacional e denunciavam o regime ditatorial Duvalerista.

Em meio a esse movimento de valorização do nacionalismo haitiano em detrimento das produções dos colonizadores, é que surge o movimento literário intitulado de indigenismo. Conforme Eurídice Figueiredo, em seu artigo *O Haiti: história, literatura, cultura*,

A palavra indigène designa o elemento autóctone mas cabe ressaltar que, naquele momento, ela designava os nativos dos países asiáticos e africanos, sendo comum o seu uso com valor depreciativo na literatura colonial francesa. O termo não evocava, portanto, o 'indígena' ou o 'índio' natural da América, sendo empregado nos textos haitianos da época como sinônimo de nacional, podendo ser associado a nativismo, particularmente reativado por causa da ocupação americana, episódio traumático na história do país (EURÍDICE, 2006, p.380).

O início desse movimento literário no século XIX coaduna com os movimentos literários que eclodiram na França, que desejavam romper com os ideais estéticos, levando ao retorno dos primórdios da colonização da África explorando, assim, a arte negra que fora levada para o Haiti pelos colonizadores, durante a ocupação francesa desse continente.

Com a ocupação americana no Haiti na década de 1920, esses movimentos literários ganharam mais força e há um retorno aos ideais nacionais. A pesquisadora Normelia M. Parise, em seu artigo *Literatura e oralidade no Haiti*, destaca as bases desse sentimento de nacionalismo presente na sociedade haitiana

É neste contexto que Price-Mars publica *La vocation de l'élite*, em 1919, e *Ainsi parla l'Oncle* em 1928, compilação de conferências ou ensaios de etnografia proferidas no exterior. Nesta obra de natureza científica e política, Price-Mars acusa a elite de racismo e de 'bovarismo cultural', lhe responsabiliza pelo profundo abismo econômico, social e cultural entre as elites e o povo, o que produziu uma sociedade dividida (PARISE, 2014, p.75).

⁹ Nascido em Porto Príncipe em 1907, ficou conhecido como Papa Doc. Médico, etnólogo e escritor, eleito como presidente do Haiti em 1957, governou o país por 14 anos. Após a sua morte em 1971, seu filho Jean-Claude Duvalier herdou a presidência vitalícia do Haiti, tendo governado o país até 1986. Disponível em <http://www.biography.com/people/fran%C3%A7ois-duvalier-38866>. Acesso em 10 de maio de 2016.

Jean Price-Mars busca com essas produções etnográficas fazer um retorno às suas raízes, à sua língua e à pressão imposta pelo regime colonialista. Assim busca suscitar uma apreciação pela cultura nacional haitiana, pelo processo de afirmação da identidade haitiana frente à cultura do colonizador.

Esse movimento de desvalorização da cultura haitiana pelo colonizador, traz para o Haiti a depreciação do vodu e da língua crioula. Isso produziu uma separação da cultura haitiana, que fica dividida entre a religião e língua nativa e a religião e língua do colonizador, sendo que poucos haitianos tinham acesso a língua francesa.

Embora esse movimento literário tenha tido mais enfoque no início do século XIX, ele ganha maior destaque com o lançamento da *Revue Indigène* (1927), produção encabeçada por Jacques Roumain, Carl Brouard, Philippe Thoby-Marcelin e Emile Roumer. A revista idealizava que os haitianos tomassem consciência da atual situação do país, frente à supressão da cultura haitiana pelo colonizador.

Favorável à ideia de nacionalismo e do movimento indigenista, a pesquisadora Eurídice Figueiredo (2006, p.379) destaca que: “O indigenismo constitui uma tomada de consciência por parte de escritores e artistas, no sentido de incorporar a cultura popular, até então relegada à margem da sociedade”.

A rememoração do legado da cultura haitiana, que por muitos anos foi silenciada, destroçada e violentada, começa a ganhar destaque em diversos movimentos literários e lançamentos de revistas, dedicadas à causa negra na Europa e Estados Unidos. Dentre esses, destaca-se o movimento do *Harlem Renaissance*, também conhecido como *New Negro Movement*, que aconteceu num bairro negro de Nova York e seu objetivo era resgatar a herança, arte e a cultura negra na América.

Corroborando com esses movimentos da arte negra, eclodiu nos Estados Unidos e na Europa o movimento literário, político e cultural intitulado pan-africanismo entre a década de 1930 e 1940. Esse movimento foi encabeçado por artistas e escritores negros.

Um dos principais nomes que deram início ao pan-africanismo é William Edward Burghardt Du Bois. Nascido no interior do Estado de Massachussetts, em 1868, sociólogo, historiador e autor Du Bois buscava o retorno às origens, à independência dos países africanos e à exortação à raça negra.

O movimento pan-africano¹⁰ influenciou outros movimentos literários que se desenvolveram entre o ano de 1920 e 1940. Dentre esses destaca-se o negrismo. O pan-africanismo buscava revidar os preconceitos e estereótipos que eram atribuídos ao negro na Europa.

Esse movimento de tomada de consciência da visão do negro pelo europeu teve início quando estudantes negros foram enviados para continuarem seus estudos na Europa. A partir daí, os estudantes negros tomam consciência de como o negro é visto e inferiorizado pelos europeus. Com isso, surge uma valorização da negritude.

O estudante martinicano Aimé Césaire, poeta, dramaturgo, escritor e político, foi o primeiro a cunhar o termo *négrismo* em seu livro de poemas *Cahier d'un retour au pays natal*¹¹. O escritor foi um dos principais responsáveis pela visibilidade do movimento negrismo.

Nascido numa família da classe de mulatos, Césaire chegou à França aos 18 anos para dar continuidade a seus estudos. Na França, conheceu a arte *nègre*, sendo influenciado pelos movimentos literários franceses, da época. Para a pesquisadora Eurídice Figueiredo,

A negritude antilhana enquanto movimento identitário deriva, na dialética de seu surgimento, de uma contradição. Aimé Césaire descobre a África e a arte negra através do europeu: de um lado, pela leitura de etnógrafos como Delafosse e Frobenius e, de outro lado, pelo culto das vanguardas europeias à arte negra. Ou seja: a história (literária ou não) das Antilhas encontra-se sobredeterminada pela história europeia e a própria emergência de um movimento de reivindicação de uma identidade outra (negra) passa pela mediação da Europa (FIGUEIREDO, 1998, p.23-24).

Dessa forma, Aimé Césaire se aproxima da língua, da cultura e dos movimentos literários europeus, como forma de deturpar e criticar a visão que a Europa tinha da África e do sujeito da diáspora. Traz em sua poesia e escritos um retorno à essência do homem, integrando o homem à natureza e às suas raízes.

Em meio a essa valorização da arte negra, o negrismo passa a ter mais visibilidade. Aimé Césaire junto com os estudantes Léon Gontran Damas, nascido

¹⁰ Ideologia que propõe a unificação dos povos africanos, o retorno à ancestralidade e uma reorganização social e política. Disponível em <http://www.feth.ggf.br/%C3%81frica.htm>. Acesso em 20 de março de 2016.

¹¹ Caderno de um regresso ao lar (tradução nossa).

na Guiana Francesa e Léopold Sédar Senghor, nascido no Senegal, criaram a revista *L'Étudiant Noir* em Paris, no ano de 1935. A circulação dessa revista traz para o cenário literário haitiano uma valorização da cultura negra, rejeitando a alienação das produções culturais europeias.

A partir dessas produções, surge o negrismo, um movimento que ganhou um cunho político e social a partir do momento que desmistifica a visão do negro pelo europeu e questiona os direitos dos negros.

As contribuições de Frantz Fanon com a obra *Peles Negras, máscaras brancas*, de Delafosse com a obra *Haut Sénégal – Niger* e a obra de Frobenius, *História da civilização africana*, também, foram obras que inspiraram o movimento negrismo. Contribuindo para ampliar a visão do negrismo, como movimento de luta, pela consolidação da cultura, estabelecimento do espaço e da afirmação da identidade negra, frente à cultura europeia.

1.3. ECOS DA LITERATURA HAITIANA AO LONGO DE SUA HISTÓRIA

A colonização de um país é sempre algo muito controverso. Os povos dominados, na maioria das vezes, não aceitam a colonização de forma passiva, pois buscam resistir de diversas formas à ação do colonizador. Os colonizadores, por outro lado, a cada revide do colonizado, agem com mais brutalidade e dominam cada vez mais suas terras e os seus recursos naturais.

A assolação desse povo pela violência moral e física do colonizador trouxe formas de resistência, que consistiam em descolonizar as mentes de seus agressores e do seu próprio povo. Essa descolonização deu-se principalmente por meio da arte e da literatura.

Quando *Saint-Domingue* foi colonizado, tanto por franceses quanto por espanhóis, certamente, os nativos dessa colônia já haviam construído uma história de lutas e resistências, e possuíam certa organização quanto à produção agrícola, comercial e econômica de seu povo. Com a invasão dos colonizadores, todas essas organizações foram desestruturadas. No ímpeto, do colonizador o seu maior interesse era expandir seu poderio a qualquer custo. Essa afirmação pode ser corroborada por Alfredo Bosi (1992, p.20) quando menciona que: “Contrária e necessariamente, a expansão moderna do capital comercial, assanhada com a

oportunidade de ganhar novos espaços, brutaliza e faz retroceder as formas cruentas o cotidiano vivido pelos dominados”.

Com o processo de colonização de *Saint-Domingue*, muitos massacres foram se intensificando; o trabalho com a cana de açúcar era cada vez mais massacrante; as colônias francesas passaram a lucrar cada vez mais. E enquanto isso, o povo haitiano, já exausto desses desmandos, fomentou a primeira revolta em torno de 1791. Mesmo tendo sido vitoriosos nessa empreitada, o povo haitiano ainda passou por várias outras revoluções.

O colonizador, como se não bastasse ter desestabilizado o país, cometia diversas formas de açoites, apropriando-se da cultura e da vida daquele povo. A segunda forma de revide ao colonizador deu-se a partir das revoltas lideradas por Toussaint de Louverture¹² e por Jean-Jacques Dessalines¹³, o que culminou na independência do Haiti.

Após a independência, os haitianos passaram a se preocupar com a manutenção e a propagação da sua cultura. Mas esse processo ocorreu de maneira laboriosa, uma vez que tiveram a sua cultura suplantada pela colonização. Mesmo sendo um país livre, o Haiti não estava totalmente independente, pois passou por ditaduras que fizeram calar movimentos pró-independência e intensos movimentos literários.

Em meio a tantas lutas os movimentos literários passaram a ter força e mesmo que de forma velada, vários autores haitianos produziram obras que buscavam desestabilizar o colonialismo impetrado a essa nação durante séculos da sua história.

Retomando a trajetória histórica das produções literárias haitianas, a pesquisadora Heloisa Caldeira Alves Moreira, tradutora das duas obras de Dany Laferrière para o Brasil, destaca que os escritores haitianos exploravam muito em suas produções a questão da língua e das raízes africanas e francesas. Para a pesquisadora: “Inicialmente, a literatura feita no Haiti demonstrava grande submissão dos escritores haitianos em relação aos franceses, o que fez com que fosse chamada de imitação” (MOREIRA, 2006, p.33).

¹² Escravo nascido no Haiti, chefe da Revolução de haitiana de 1791. Foi Governador de São Domingos (Haiti) de 1801 até 1802 e em 1803 foi deposto, exilado na França, aonde veio a falecer nesse mesmo ano.

¹³ Líder negro, que combateu as forças da França, ao lado de Toussaint de Louverture, durante a Revolução de haitiana de 1791.

Considera-se, assim, que em meio às lutas pró-independência, os haitianos acabavam tendo suas produções influenciadas pelo colonialismo, mesmo que fosse como uma forma de negar e subverter a língua do colonizador. Grande parte dessas produções pautava-se nos discursos e proclamações sobre o momento vivenciado pelo país.

Heloisa Caldeira Alves Moreira relata que grande parte da produção literária haitiana estava submissa aos franceses e que poucos poetas tiveram reconhecimento fora do país. A autora destaca ainda que

Alguns poetas dessa época terão reconhecimento em Paris: **Oswal Durand** (1840-906) que escreveu o poema *Choucome* em 1900, primeiro texto crioulo escrito por um negro; **Demevar Delorme** (1831-1901), o mais notório dos três, denunciou a força do racismo nos Estados Unidos e analisou longamente a situação do Haiti. Conheceu o exílio e a prisão antes de terminar sua carreira como embaixador na Europa; e mais tarde, em 1937, também **Léon Laleau** (1892-1979). No início, suas musas eram brancas com cabelos loiros. Na segunda metade do século XIX, começavam a ganhar uma cor mais local, adaptando-se à realidade dos trópicos. Nessa época, a imagem do Haiti na França era a de uma pobre república de negros que imitava a velha Europa refinada, o que gerou entre os intelectuais o desejo de escrever para defender sua república negra (MOREIRA, 2006, p.34).

Se antes o desejo dos haitianos com suas produções era denunciar a colonização, agora eles buscavam jogar com armas intelectuais para afirmar suas raízes, suas crenças e a sua língua.

Nesse período, destacam-se as produções de Jean Price-Mars, médico, antropólogo que escrevia sobre a afirmação do povo haitiano, como negros e não como franceses de cor. Segundo o antropólogo,

Nada pode impedir que crenças latentes ou formais vindas de longe, transformadas, recriadas por nós, tenham sido os elementos motores de nossa conduta e tenham condicionado o heroísmo irresistível da multidão que se fez massacrar nos dias de glória e de sacrifícios para implantar a liberdade e a independência do negro em nosso solo; nada pode impedir finalmente que, à época de transição e de incerteza em que vivemos neste momento, esses mesmos elementos imponderáveis não sejam o espelho que reflete o mais fielmente a face inquieta da nação. Eles constituem de uma maneira inesperada e espantosa os materiais de nossa unidade espiritual. Onde, pois, poderíamos encontrar uma imagem mais sincera de nossa comunidade? (PRICE-MARS, 1954, p.2).

Jean Price-Mars traz à tona as condições enfrentadas pelos haitianos durante o processo de independência do país, através de um resgate das tradições e crenças, que fortaleciam e encorajavam o povo haitiano a lutarem pela sua liberdade e pelos seus ideais. Para ele, a herança cultural dos colonizadores foram reconfiguradas, a fim de suscitar novos conhecimentos e uma conexão com os povos europeus, com o intuito de disseminarem a cultura e as produções literárias haitianas.

É nesse contexto que surgem os movimentos de retorno ao nacionalismo africano. Já Justin Lhérisson¹⁴, professor e jornalista, traz para suas produções elementos de cunho teatral e narrativo, representa as pessoas simples e prioriza as marcas da linguagem oral.

O período compreendido entre 1930 a 1960 é marcado pelo apreço a um romance mais rural, buscava-se denunciar a ocupação americana no país e mostrar as formas de resistência desse povo à ocupação.

Dentre os autores dessa época estão Clément Magloire Saint-Aude¹⁵ da elite haitiana, cuja escrita é marcada pelo surrealismo que buscava no inconsciente a realização do ser; François Duvalier¹⁶, médico, político, sua escrita é marcada pela defesa aos valores negros e africanos, pautando em referências francesas e Jacques Roumain, militante e antropólogo que ganhou notoriedade com a publicação do livro *Gouverneurs de la rosée*, publicado em 1944, em Paris. As produções de Roumain defendiam os valores dos negros, proletários, e seus livros eram escritos no francês e no crioulo,

—Porque va hacia el placer. La alegría no atrae la alegría. Usted parece creer que le transmito a todo mi propio desencanto... No. Podríamos ir hasta ese cobertizo donde se vende una pobre felicidad: baile y aguardiente. Le mostraría a esos hombres y a esas mujeres, sus rostros, y usted comprendería entonces que una muchedumbre alegre se compone de hombres tristes. Vería la desesperanza del placer. Pero ¿quiere volver más tarde cuando todo habrá terminado? A la hora en la que no hay más muchedumbre, sino al amanecer lívido, un pequeño rebaño agobiado. A la hora en la

¹⁴ Disponível em <http://www.lehman.cuny.edu/ile.en.ile/paroles/lherisson.html>. Acesso em 02 de setembro de 2015.

¹⁵ Disponível em <http://www.potomitan.info/kauss/magloire.php>. Acesso em 10 de setembro de 2015.

¹⁶ Disponível em <http://haiti-reference.com/pages/plan/histoire-et-societe/notables/chefs-detat/francois-duvalier/>. Acesso em 03 de setembro de 2015.

que una muchedumbre se desagrega como un racimo que pierde sus frutos. Cada uno de los frutos es amargo (ROUMAIN, 1936, p.57)¹⁷.

Para Jacques Roumain, toda alegria que se espalhava pelas ruas e praças do Haiti escondiam a dor dos trabalhadores escravizados nos campos e na cidade. Além da hostilidade dos senhores de escravos, outro fator que contribuiu consideravelmente para a tristeza do povo haitiano, é o fato de que as pessoas que tinham a oportunidade de estudar na Europa eram desprezadas por serem negros. Com isso, consideramos que para o povo haitiano se firmar no cenário literário europeu custou muito caro e só foi possível através de inúmeros protestos.

Jacques-Stephen Alexis, médico, militante e sucessor de Jacques Roumain, explora em seus livros o realismo maravilhoso, que consistia no retorno ao misticismo haitiano a partir da realidade e das experiências desse povo.

Para pesquisadora Maria Helena Valentim Duca Oyama, em sua tese *O Haiti como locus ficcional da identidade caribenha: olhares transnacionais em Carpentier, Césaire e Glissant*, o surrealismo foi um dos movimentos literários mais significativos para o Caribe, ela destaca que:

A rebeldia dos surrealistas fica explicitada nos objetivos que defendiam, tais como 'buscar autonomia da linguagem artística', 'exaltar a revolução', 'buscar a essência humana', 'apegar-se à fantasia, ao sonho e à loucura', com a ajuda da psicanálise que emergia à época, bem como 'anular a fronteira entre teoria e prática artística' através do 'uso da escrita automática', sem a preocupação com a lógica, com o racionalismo (OVAMAO, 2009, p.34).

A escrita surrealista haitiana era marcada por um apreço às suas raízes, mas também como um revide a língua imposta pelo colonizador. É importante ressaltar que os escritores da época tinham um grande interesse na arte negra e na temática africana. Isso teve forte influência dos mulatos filhos dos produtores de café no Haiti, que estudavam na Europa, onde a *art nègre* e o romantismo estavam muito em voga.

¹⁷ _Porque vai o prazer. Nenhuma alegria atraí alegria. Vocês parecem acreditar transmitirem meu próprio desapontamento. Não. Nós poderíamos ir para o galpão onde vende uma pobre felicidade: dança e aguardente. Vou mostrar estes homens e mulheres, seus rostos, e você vai entender em seguida, uma multidão alegre consiste em homens tristes. Verá que o desespero dá prazer. Mas você quer voltar mais tarde quando está tudo acabado? No momento em que não há multidão, mas o amanhecer lívido, um pequeno rebanho sobrecarregado. A hora em que uma multidão se desintegra como um bando e perde seus frutos. Cada fruto é amargo (tradução nossa).

Para Jacques-Stefen Alexis, o romantismo era como um resgate e uma percepção à realidade que a sociedade vivenciava das tendências culturais e estéticas da arte. Por isso, ficou conhecido como revolucionário. Alexis considerava que,

O romantismo é revolucionário no sentido em que ele compreende que nada é eterno, que as formas artísticas, nascem, vivem, envelhecem e morrem, que podemos sempre ultrapassar as grandiosas aquisições do passado atualizando o homem em seu meio social e na natureza onde ele vive, iluminando mais vivamente o caráter contraditório da consciência humana, dando um mais amplo lugar ao lirismo e ao sonho. Isso não significa que se deva, para tanto cair em um anarquismo da forma, na negação pura e simples do que o passado criou no plano das formas. O que é a forma senão veículo que permite desenvolver o conteúdo, de comunicá-lo? Em outros termos, as únicas regras às quais as formas devem obedecer é corresponder ao conteúdo, ser belas, agradáveis, digestas, encantadoras. Como o gosto e a sensibilidade formal de um povo não são válidos para um outro, as formas devem, em uma cultura nacional, corresponder antes de tudo às tendências, ao caráter do povo em questão (ALEXIS, 1970, p.250).

Jacques-Stefen Alexis questionava a ingenuidade do movimento romancista, destacando que ainda havia muito a se explorar no cotidiano da sociedade, que revelasse um romantismo reacionário, que não se acomodasse com as inquietudes de seu tempo, mas que buscasse por meio da arte um novo olhar sobre suas produções, sobre suas criações estéticas, sobre a forma de desvelar o mundo à sua volta, as tendências artísticas e revolucionárias. Fomentando essa ideia de valorização e retorno às produções negras, na próxima seção nos aprofundaremos sobre a teoria pós-colonial e sua influência nas produções literárias haitianas.

2. PÓS-COLONIALISMO

Durante o período de dominação europeia, quando mais de três quartos do mundo estavam submetidos a uma complexa rede ideológica de alteridade e inferioridade, os encontros coloniais aplicaram um golpe duro na cultura indígena, considerada sem valor ou de extremo mau gosto, diante da suposta superioridade da cultura germânica ou greco-romana Bonnici, T. (2000, p.07).

Repensar os processos de colonização da América Latina nos remete a um cenário de barbáries e extermínio de diversos povos colonizados. Por volta do século XV, a Europa se aventurou mar a fora no intuito de dominar e levar a fé católica a outras nações, que ela consideravam não colonizadas.

Os relatos de viagem dessa empreitada vêm sempre permeados pela visão do colonizador sobre o colonizado, como forma de encobrir e silenciar a história dos povos que habitavam as nações conquistadas. Por ocasião do descobrimento dessas nações, consta nesses relatos que o colonizador propagava seus conhecimentos de mundo e a completa obediência dos povos nativos aos colonizadores.

Em meio a tamanha negação do outro (colonizado) pelo colonizador, os primeiros colonizadores nomearam o colonizado como índio e o fizeram abandonar suas origens, a ponto de negar a identidade, a cultura e a religião desses povos. Os revoltosos a esse sistema colonial eram brutalmente açoitados e mortos, o que levou ao extermínio de diversas etnias.

Diante de inúmeras revoltas dos indígenas, os colonizadores se sentiram ameaçados e dizimaram todos os povos nativos das terras conquistadas. Com isso, era necessária outra fonte de mão de obra para atuar nas fazendas e nas terras colonizadas. Nesse momento da colonização, os europeus passaram a usar os escravos no lugar dos indígenas.

Demorou muitos séculos, até algumas colônias serem tomadas pelos revoltosos escravos. Mas essa liberdade trouxe o extermínio e o exílio de diversos povos. Para Alfredo Bosi, a colonização trouxe estratégias de controle arcaicas e cruéis aos povos colonizados. Para ele, tudo girava em torno do retorno mercantil aos colonizadores, como mostra a seguir:

Para extrair os seus bens com mais eficácia e segurança, o conquistador enrijou os mecanismos de exploração e de controle. A regressão das táticas parece ter sido estrutural na estratégia da colonização, e a mistura de colono com o agente mercantil não é um molde de humanizar as relações de trabalho. Contraditória e necessariamente, a expansão moderna do capital comercial, assanhada com a oportunidade de ganhar novos espaços, brutaliza e faz retroceder a formas cruentas o cotidiano vivido pelos dominados (BOSI, 1992, p.21).

Ao longo de séculos de colonização, o que restou foi a ideologia propagada pelo colonizador, de que os povos nativos eram bárbaros e necessitavam de cultura, religião e inovação mercantilista. Mas mesmo diante de tamanha brutalidade, esses povos vêm lutando a favor de seus direitos de serem ouvidos, de terem sua cultura valorizada e de poderem assumir sua identidade cultural.

Nesse sentido, pretende-se compreender as formas de revide dos colonizados, através da literatura produzida num período pós-colonização, e que vem ganhando notoriedade num campo literário que antes era dominado pelas literaturas europeias. Isso possibilita que os subalternos sejam ouvidos e tenham possibilidade de produzirem a literatura de resistência ao colonialismo. Dentre essas literaturas, iremos analisar a obra de Dany Laferrière *Como fazer amor com um negro sem se cansar* sob o viés do Pós-colonialismo.

2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE O PÓS-COLONIALISMO

O termo Pós-colonialismo surge por volta da década de 70, mas tem maior visibilidade na década de 1980, com o lançamento do livro *The empires writes back: theory and practice in post-colonial*¹⁸ (ASHCROFT, 1998). Mesmo esse sendo um dos primeiros livros a abordar essa teoria, por volta de 1950, autores como Aimé Césaire (1950) e Frantz Fanon já questionavam a hegemonia colonial, trazendo para o campo literário percepções quanto ao Pós-colonialismo, buscando, assim, subverter o sistema colonial imposto às nações colonizadas pela Europa.

Nessa perspectiva, os estudos pós-coloniais se constituem como instrumento de análise das relações de dominação de uma nação sobre a outra e da dominação de uma classe com um maior poderio sobre outra de menor recursos, o que acaba por revelar as formas de resistência e de afirmação de uma identidade

¹⁸ *O império volta a escrever: teoria e prática pós-colonial* (tradução nossa).

que foge aos padrões ocidentais.

Os estudiosos do pós-colonialismo buscam mostrar essa quebra de hegemonia através de uma ruptura do pensamento ocidental, que valoriza as abordagens econômicas, sociais e culturais do Ocidente em detrimento do Oriente. Na década de 70, a teoria pós-colonial traz, para o palco das discussões, um repensar as estruturas epistêmicas ocidentais e, em meio a essas discussões, o autor Edward Said lança seu livro o *Orientalismo* em 1978.

Nesse livro, Said (1978) discute a relação do Ocidente com o Oriente. Para ele, o que há é uma relação de discrepância entre as produções do Ocidente e do Oriente, sendo que muitas vezes essa relação é de superioridade, de dominação e de um processo hegemônico muito complexo, já que as literaturas do Oriente sofrem fortes influências das literaturas Ocidentais.

O objetivo dos estudos Pós-coloniais frente a esse cenário é questionar e analisar as culturas do imperialismo e do colonialismo, buscando reinventar a forma como o outro é percebido nesse processo de pós-colonização. Com isso, essa teoria vai se constituindo a partir das manifestações identitárias de um povo já descolonizado, que busca ter visibilidade e libertar-se das heranças que a colonização trouxe.

Os questionamentos quanto aos processos de colonização trazem à tona debates sobre a influência e a dominação dos colonizadores sobre os povos colonizados, no que diz respeito à cultura, à língua e à religião. Muitos críticos consideram que as ex-colônias não podem ser consideradas livres dessas influências do colonizador.

A influência de séculos de colonização, seja através da língua, seja através da cultura e dos processos de globalização, está por distanciar cada vez mais as ex-colônias de um processo de total independência. Pois, a grande jogada dos países que colonizaram as nações consideradas de terceiro mundo é mascarar seus verdadeiros interesses políticos e econômicos.

Essa falsa independência das ex-colônias se dá principalmente pela dependência dessas a um mercado econômico que é altamente influenciado pelas projeções dos países de primeiro mundo, sendo que essas ficam à mercê dessas grandes potências econômicas.

A dependência econômica vai gerando uma relação de subalternidade aos países com pouco poderio econômico, levando consigo, também, um encobrimento

das produções literárias desses países. Isso se deve ao fato de que as literaturas produzidas pelo Ocidente ganham mais destaque que as produzidas pelo Oriente.

Diante desse cenário, as literaturas pós-coloniais vão ganhando uma maior visibilidade a partir dos estudos sobre opressão de classes, subalternidade, estudos de gênero e o hibridismo. No que tange à temática da diáspora e da resistência, estas demoram mais para se firmarem no campo literário, mas a partir das obras de Aimé Césaire e Stuart Hall, a diáspora e a resistência começam a ser exploradas por outros autores.

A situação dos povos pós-colonização passa a ser amplamente explorada pela literatura; as literaturas produzidas nesse período exploravam a maneira como esses povos eram vistos; apresentando como o sistema de opressão vivenciado por eles estabeleciam ideológicas e imposições, por parte dos povos que ocuparam o Haiti e buscavam mostrar, através da literatura, como o colonizador apresentava o colonizado nas literaturas produzidas na Europa.

O que ocorria no campo literário europeu era a supressão de uma cultura sobre a outra, um silenciamento da história real sobre o processo de colonização, produzindo uma falsa identidade na colonialidade imposta. A exemplo disso, Aníbal Quijano destaca que

No processo que levou a esse resultado, os colonizadores exerceram diversas operações que dão conta das condições que levaram à configuração de um novo universo de relações intersubjetivas de dominação entre a Europa e o europeu e as demais regiões e populações do mundo, às quais estavam sendo atribuídas, no mesmo processo, novas identidades geoculturais. Em primeiro lugar, expropriaram as populações colonizadas – entre seus descobrimentos culturais – aqueles que resultavam mais aptos para o desenvolvimento do capitalismo e em benefício do centro europeu. Em segundo lugar, reprimiram tanto como puderam, ou seja, em variáveis medidas de acordo com os casos, as formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de objetivação da subjetividade (QUIJANO, 2005, p.21).

Assim, a teoria pós-colonial passa a dar visibilidade e a partilhar, através da literatura, os intercâmbios culturais vivenciados por esse sujeito colonizado, dando a ele uma oportunidade de reinventar a história oficial, agora na sua visão de explorado, sobre o processo de colonização.

2.2 A LITERATURA PÓS-COLONIAL: IDENTIDADE E RESISTÊNCIA

Quando algumas ex-colônias resolveram se libertar das amarras que silenciavam e apagavam traços da real história da colonização das Américas, muitos movimentos pró-independência e produções literárias eclodiram no cenário pós-colonial.

A partir das reivindicações de autores que denunciavam a notoriedade das literaturas que propagavam o colonialismo é que as literaturas pós-coloniais passam a ganhar destaque, inicialmente como algo meio encoberto, onde apenas as literaturas que abordavam o hibridismo e as relações de opressão tinham visibilidade.

Não é fácil estabelecer as conexões existentes entre a história da colonização da América e a literatura da época. Sabe-se que grande parte das obras produzidas nessa época foram, de certa forma, influenciadas pelo momento histórico. Mas nem sempre as literaturas produzidas revelavam traços da história.

O caráter ensaístico e simbólico dessas literaturas apresentava elementos distorcidos da história, que por anos foi reprimida, constituindo-se, assim, como representação teatral do desejo dos europeus por civilizar outras nações, em detrimento dos povos colonizados. Demorou muito tempo até que as literaturas produzidas por povos imigrantes e diásporas pudessem ter seu lugar de destaque na literatura mundial. Durante muitos séculos, os países menos desenvolvidos estiveram oprimidos e suprimidos pela considerada elite literária.

As literaturas produzidas na Europa abordavam a vida na colônia, a dominação, a prosperidade e o poderio europeu. Para o escritor Aníbal Quijano, o colonialismo se constituía na falsa ideia de modernidade:

A colonialidade do poder e a dependência histórico-estrutural implicam ambas a hegemonia do eurocentrismo como perspectiva epistemológica. No contexto da colonialidade do poder, a população dominada, nas novas identidades que lhes haviam sido atribuídas, foram também submetidas à hegemonia eurocêntrica como maneira de conhecer, na medida em que alguns de seus setores puderam aprender a língua dos dominadores. Portanto, o eurocentrismo não é exclusivamente a perspectiva cognitiva dos europeus, ou apenas dos dominantes do capitalismo mundial, mas também do conjunto dos educados sob sua hegemonia (QUIJANO, 2009, p. 74-75).

A colonização sempre traz relações de poder que se encontram arraigadas

nas classes sociais da colonialidade. Isso cria certa hierarquia em cada nação. Os que antes eram contrários a toda forma de exploração, agora assumem a língua, a cultura do colonizador e tornam-se os exploradores. Parte dos colonizados rendem-se à máquina da colonização e passam a oprimir seu próprio povo.

A dominação de uma nação sobre a outra traz uma depreciação de tudo que a nação colonizada produz. Para o colonizador, o que importa é explorar os recursos naturais, as riquezas e a mão de obra dos nativos. Isso mostra que o sujeito colonizado fica submetido à superioridade de seu opressor, que subentende ser mais civilizado e culto. Segundo Albert Memmi,

A situação colonial é, pois, como dissemos, um fenômeno social global, uma totalidade, no entanto, é constituída por interesses antagônicos e inconciliáveis, contraditórios, portanto. Em um primeiro momento, essa contradição permanece latente, mascarada pela aparente e provisória acomodação do colonizado. Convencido da superioridade do colonizador e por ele fascinado, o colonizado, além de submeter-se, faz do colonizador seu modelo, procura imitá-lo, coincidir, identificar-se com ele, deixar-se por ele assimilar. É o momento que poderíamos chamar de alienação. Ocupado, invadido, dominado, sem condições para reagir, nem ideológicas nem materiais, não pode evitar que o colonizador o mistifique, impondo-lhe a imagem de si mesmo que corresponde aos interesses da colonização e a justifica (MEMMI, 1977, p.07).

A dominação de seus iguais e a ideia de avanço para os países colonizados trazem uma ideologia propagada pelos colonizadores, que conota os valores disseminados nos grandes centros europeus; de que as nações dominadas são primitivas, sem religião ou cultura. Essas questões tornaram-se cruciais no processo de colonização das nações consideradas inferiores à nação europeia. A oposição produzida entre colonizado e colonizador expõe o choque cultural produzido por esse processo.

A ideologia produzida pela colonização traz para esse cenário literaturas que depreciam a cultura, a língua e a religião dos colonizados. Mas, como uma maneira de busca da identidade dos povos colonizados, surge a teoria pós-colonial, com o intuito de descolonizar a visão propagada pelo colonizador.

O discurso produzido pelos colonizadores manipulava a história real da colonização, onde o branco era o desbravador e o nativo era o bárbaro. Essas narrativas não exploravam a identidade do colonizado, revelavam apenas a arrogância, o poderio e a dominação do colonizador. O colonizador era sempre o

branco, bonito, bem vestido, conhecedor de um aparato cultural, enquanto que o colonizado era selvagem, não civilizado e sem cultura.

Nessa perspectiva, a literatura pós-colonial destaca-se como uma forma de revide das relações de poder, entre as literaturas produzidas pelos colonizadores, que mascaravam as relações de dominação entre senhores e servos e pessoas de etnias e gêneros diferentes. Assim, o pós-colonialismo tenta desmistificar as ideologias e estereótipos produzidos pela literatura europeia.

A resistência e a luta contra os desmandos do colonizador eram representadas como formas de selvageria e degradação dos avanços coloniais. Por isso, as literaturas buscam subverter essa retrógrada ideia, referente às estratégias de revide utilizadas pelos povos colonizados, como uma forma de resistir aos ditames do colonizador.

Diante de tais subjugações, o colonizado usa estratégias de resgatar sua cultura e identidade, através da subversão da língua e da religião do colonizador. Ao reagir à colonização, o nativo desestabiliza o projeto de dominação da colonização, bem como a ideia pré-construída, de que ele é sem cultura, fraco e não dispõe de recursos para enfrentar o colonizador. Assim, o nativo é subjetificado, pelo processo de ocupação, pelos dominadores da sua nação.

Como forma de resistir à repressão colonizadora, surgem os movimentos por valorização da cultura local. Em meio a esse processo, escritores como Aníbal Quijano, Frantz Fanon, Albert Memmi, Aimé Césaire, entre outros, produzem um discurso descolonizar, ao lançar literaturas de fronteira, que visam transpor a colonização e as literaturas europeias, as quais focalizavam os projetos colonizadores de outras nações.

Para o escritor Aníbal Quijano, em seu livro *Colonialidade do poder*, Eurocentrismo e América Latina, a ideia de raça é uma invenção da modernidade, cunhada principalmente pelos colonizadores da América. A partir dessa concepção de raça é que se produziram novas identidades sociais e diversas estratégias de colonização.

O escritor explora em seu livro o processo de exploração do trabalho, a dominação e subjugação dos povos colonizados. Para Aníbal Quijano,

Assim, cada forma de controle do trabalho esteve articulado com uma raça particular. Consequentemente, o controle de uma forma específica de trabalho podia ser ao mesmo tempo um controle de um

grupo específico de gente dominada. Uma nova tecnologia de dominação/exploração, neste caso raça trabalho, articulou-se de maneira que parecesse como naturalmente associada, o que, até o momento, tem sido excepcionalmente bem sucedido (QUIJANO, 2005, p.119).

Dessa forma, a colonização lança uma hegemonia eurocêntrica do poder, das relações do trabalho e do conhecimento, legitimando, assim, a ideia de superioridade dos colonizadores, frente aos povos colonizados. O escritor considera que os colonizadores tratavam os colonizados como propriedades suas, por isso, estes eram forçados a trabalhar até esgotarem todas as suas forças. Para Aníbal Quijano

O vasto genocídio dos índios nas primeiras décadas da colonização não foi causado principalmente pela violência da conquista, nem pelas enfermidades que os conquistadores trouxeram em seu corpo, mas porque tais índios foram usados como mão de obra descartável, forçados a trabalhar até morrer (QUIJANO, 2005, p.120)

As formas brutais de genocídio e dominação dos povos colonizados se justificavam pela necessidade de mão de obra para produção de benfeitorias e exploração das riquezas que essas nações colonizadas possuíam. Pregava-se a falsa ideia de avanço e progresso para as colônias. No entanto, o que se via era retrocesso, açoites e extermínio de diversas etnias.

O escritor Frantz Fanon, em seu livro *Os Condenados da Terra*, explicita os traumas vivenciados pelos povos colonizados e a subordinação destes ao sistema colonial francês. Considera que a descolonização é algo violento, porém necessário, e esta não deve se pautar somente nas lutas armadas, mas deve partir da descolonização da realidade que os povos vivenciam e da quebra de paradigmas subjacentes à colonização. Frantz Fanon destaca que,

A descolonização é o encontro de duas forças congenitamente antagônicas que extraem sua originalidade precisamente dessa espécie de substantificação que segrega e alimenta a situação colonial. Sua primeira confrontação se desenrolou sob o signo da violência, e sua coabitação – ou melhor, a exploração do colonizado pelo colono – foi levada a cabo com grande reforço de baionetas e canhões (FANON, 2005, p.26).

Para o autor, o que produz o colonizado é a ação do colonizador, ao passo que quanto mais força e brutalidade este emprega contra o colonizado, mas alimentará a violência e a desordem nessa nova sociedade. Já em seu livro *Peles*

Negras, Máscaras Brancas, o escritor aborda o racismo e o condicionamento do negro ao branco. Nesse jogo de movimentos entre o racismo e o colonialismo, ele nos propõe analisar como se constitui as formas que a sociedade utiliza para ver o mundo que o cerca. Dessa forma, a colonização no contexto colonial europeu, em meados do século XX, não ocorria apenas pela dominação e exploração social, esta se constituía através da arte, do teatro, do cinema e da língua.

Para o escritor Albert Memmi, essas formas de colonização se constituem uma deturpação das crenças e valores dos colonizados. Em seu livro *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, o autor reflete sobre as identidades hibridizadas, as formas de colonização e os valores construídos durante esse processo. Na descrição que faz do colonizador, o autor desvela as vantagens e benesses que a colonização trouxe para estes, vejamos:

Vai-se para a colônia porque as situações são asseguradas, os tratamentos elevados, as carreiras mais rápidas e os negócios mais frutuosos. Para o jovem diplomado ofereceu-se um posto, para o funcionário uma promoção, para o comerciante reduções de impostos, para o industrial matéria prima e mão de obra a preços insólitos (MEMMI, 1989, p.22).

Dessa forma, a máquina da colonização era rentável aos olhos dos colonizadores, a ideia de um crescimento social e político se estabelecia no seio dessa nova sociedade. Tudo se resumia a lucro, riquezas e à superioridade social que as colônias proporcionavam.

Para os colonizadores pouco importava a cultura, a língua, a religião e a identidade cultural dos nativos, isso simplesmente foi ignorado, apagado. O que interessava era impor seus hábitos, sua língua, sua cultura e sua religião. Tudo isso em nome do progresso e da religião. Albert Memmi destaca que aos olhos do colonizador o colonizado é um ser preguiçoso, apático e inútil. Dessa maneira, o escritor apresenta em seu livro a ambivalência existente nas relações entre colonizador e colonizado.

O escritor Alfredo Bosi, em seu livro *Dialética da colonização*, nos mostra que a colonização estava mais preocupada com a ideia de progresso e avanço do domínio europeu, do que com os nativos das nações colonizadas. Nesse sentido, a ocupação do território de outras nações se deu de maneira fugaz e altiva, suplantando, assim, os sonhos, a língua e a identidade nacional desses povos.

Dessa forma, Alfredo Bosi explora em seu livro as estratégias da colonização

e a falsa ideia de desenvolvimento econômico e político das nações colonizadas. Para o autor,

O colono incorpora, literalmente, os bens materiais e culturais do negro e do índio, pois lhe interessa e lhe dá sumo gosto tomar para si a força do seu braço, o corpo de suas mulheres, as suas receitas bem sucedidas de plantar e cozer e, por extensão, os expedientes rústicos logo indispensáveis, de sobrevivência. (BOSI, 1992, p.27)

O autor estabelece, assim, o conceito de cultura como algo que os povos cultivam, por meio de seus ancestrais. E essa cultura se materializa a partir dos ideais de determinado grupo, seja para benefício próprio ou de outrem. Conforme o autor,

A fantasia é a memória ou dilatada ou composta. Quem procura entender a condição colonial interpelando os processos simbólicos deve enfrentar a coexistência de uma cultura aos rés-do-chão, nascida e crescida em meio às práticas do migrante e do nativo, e uma outra cultura, que opõe á máquina das rotinas presentes as faces mutantes do passado e do futuro, olhares que se superpõem ou se convertem uns aos outros (BOSI, 1992, p.35).

Compreender a situação colonial do colonizado torna-se, assim, uma denúncia das mazelas sofridas por esses povos. Parte dessa ideia de dominação de um grupo mais abonado sobre outro mais fragilizado decorre do sistema colonial europeu, que durante séculos suprimiu e menosprezou a cultura e o que era produzido por esse grupo minoritário. Nesse sentido, o que caracteriza essa produção literária pós-colonial é o fato de propiciar uma maior representatividade dos grupos minoritários no campo literário, que antes eram mal representados nas literaturas europeias, tornando-os subalternizados, à margem da sociedade.

No livro *Pode o subalterno falar?*, a escritora Gayatri C. Spivak faz uma reflexão sobre a o discurso hegemônico produzido no seio da sociedade; trata das nossas próprias crenças enquanto leitores e produtores do saber e do conhecimento. Para ela, essa representação ou re-representação do subalterno acaba por silenciar a voz desse sujeito. Com isso, o sujeito subalterno fica desinvestido de qualquer forma de representação, de fato, não pode falar ou ser ouvido,

Para o 'verdadeiro' grupo subalterno, cuja identidade é a sua diferença, pode-se afirmar que não há nenhum sujeito subalterno irrepresentável que possa saber e falar por si mesmo. A solução do intelectual não é a de se abster da representação. O problema é que o itinerário do sujeito não foi traçado de maneira a oferecer um objeto de sedução ao intelectual

representante. Na linguagem um tanto arcaica do grupo indiano, a questão que se apresenta é: como podemos tocar a consciência de um povo, mesmo enquanto investigamos sua política? Com que voz-consciência o subalterno pode falar? (SPIVAK, 2010, p.60-61).

Para Spivak, a representação desses povos subalternizados mostra a obliteração da cultura desses povos diante da cultura europeia. Diante disso, a autora propõe a produção de uma narrativa na qual esses grupos possam expor sua própria história, dando visibilidade à história real da colonização.

Consideramos, assim, que a literatura pós-colonial dá destaque e visibilidade às produções de imigrantes, populações indígenas, populações que estão à margem da sociedade e as populações que são mal representadas nas literaturas europeias.

3. DANY LAFERRIÈRE E SUA ESTREITA RELAÇÃO COM O HAITI E MONTREAL

Esta seção mostra um pouco da história do escritor Dany Laferrière, dos motivos que o levaram a exilar-se em Montreal, e como sua escrita foi marcada por suas experiências, enquanto sujeito da diáspora. Para tanto, procuramos analisar a primeira obra do autor, *Como fazer amor com um negro sem se cansar* (1985), que compõe a sua autobiografia americana e traz um pouco da história do autor, anos primeiros nos de exílio.

3.1 DANY LAFERRIÈRE: BIOGRAFIA E OBRAS

Windsor Kléber Laferrière - nome que herdou do pai - nasceu em Porto Príncipe em 1953, capital do Haiti. Seu pai era jornalista, foi prefeito de Porto Príncipe e inicialmente favorável à ditadura Duvalier. Diante das injustiças praticadas contra os trabalhadores, Laferrière torna-se militante e contrário ao regime ditatorial de François Duvalier, que governou seu país de origem durante 14 anos.

O pai de Laferrière é deposto do cargo, e em 1959 exila-se em Nova York, onde vem a falecer em 1984. Temendo represálias à sua família, sua mãe passa a chamá-lo de Dany Laferrière.

Já desde cedo, Dany Laferrière vive deslocamentos culturais e geográficos. Primeiro, aos quatro anos, quando ele vai morar na casa da vó Ba com sua mãe e suas tias, em Petit Gôave. Na sua infância, ele recebe uma educação cristã e francesa, mas não se distancia de suas raízes crioula. Após uma epidemia de malária, ele retorna para Porto Príncipe.

Essa convivência só com mulheres marca a sua narrativa que passa a explorar o universo feminino em grande parte de seus livros. Em sua obra *Um país sem chapéus* (2006), Dany Laferrière representa esse universo feminino, por meio do diálogo do personagem central com sua família, no trecho *Espaguete*,

Eu sabia que essa pergunta ia chegar, cedo ou tarde.
 _ O que você comeu nesses vinte anos? Perguntou a queima roupa minha mãe.
 _ Marie, não posso ouvir quando você diz “vinte anos”, isso me corta o coração.
 _ Mas, Renée, ele passou vinte anos lá.

_ Eu sei.

_ O que eu comi?

Para compreender a importância dessa pergunta, é preciso saber que a comida é capital na minha família. Alimentar alguém é uma maneira de dizer que o amamos. Para minha mãe, é quase o único modo de comunicação (LAFERRIÈRE, 2006, p.18).

O escritor abusa do universo feminino, como forma de dar visibilidade à cultura e costumes de seu país, bem como mostrar a mobilidade vivenciada além das fronteiras do Haiti.

Em continuidade ao trabalho do pai, Laferrière torna-se jornalista, escritor e luta contra a sucessão da ditadura Duvalierista. Dany Laferrière lutava para que o povo haitiano reivindicasse seus direitos e fosse contra as condições sociopolíticas em que o país estava passando durante as ditaduras duvaleristas. Ele questionava como os sindicatos dos trabalhadores eram constituídos e como forças do Governo subvertiam esses sindicatos.

Em 1976, o autor publica uma série de reportagens sobre a primeira greve sindical no Haiti. Após a publicação dessas reportagens, seu amigo Gasner Raymond é assassinado o que leva Dany a pensar na sua segurança e decide sair do Haiti com medo de ser o próximo a enfrentar represálias da ditadura Duvalier. E então, Laferrière se muda para Montreal onde passa a viver e escrever seus primeiros livros.

A escrita de Dany Laferrière é marcada por uma busca da identidade do negro, pela aceitação e sobrevivência do sujeito da diáspora e por deslocamentos desses sujeitos entre o lugar real e o idealizado. O escritor traz para suas obras nuances da sua história, transportando o leitor a um universo de ditaduras, lutas, resistências e exílio.

O exílio de Dany Laferrière permite que sua escrita aproxime dois mundos antagônicos – o haitiano e o canadense –, permite que novas culturas sejam suscitadas ao se hibridizarem nessa escrita acerca da diáspora. Escreveu o que ele considera ser sua “autobiografia americana”, composta por dez livros, que estabelecem sua trajetória como escritor na América. Com relação à autobiografia, a pesquisadora Irene Corrêa dos Santos Barbosa de Paula menciona que

A autobiografia corresponderia apenas a este primeiro momento da reflexão analítica, marcado por um desejo de ressarcimento simbólico e reescrita subjetiva. Nesse sentido, narrar a sua história,

desestabiliza algumas incertezas, produz prazer, conhecimento de si e de seus desejos (PAULA, 2008, p.66).

Dentre as obras que compõem a autobiografia americana de Dany Laferrière, estão: *Comment faire l'amour avec un Nègre sans se fatiguer* (1985); *Éroshima* (1987); *L'Odeur du Café* (1991); *Le goût des jeunes filles* (1992); *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?* (1993); *Chronique de la dérive douce* (1994); *Pays sans chapeau* (1996); *La chair du maître* (1997); *Le charme des après-midi sans fin* (1997) e *Le cri des oiseaux fous* (2000).

O autor trata, nessas obras, de momentos do presente, descrevendo a árdua função de ser narrador, escritor e testemunha ocular de momentos que ora acontecem no passado (rememorados no presente), ora acontecem no presente, num constante trânsito literário.

O escritor esteve três vezes no Brasil, em 2006 participou da 19ª Bienal do livro em São Paulo; em 2007, participou do Congresso da ABECAN¹⁹, em Salvador e em 2012, participou da FLIP²⁰, no Rio de Janeiro. Recebeu o prêmio Médices, em 2009 por seu livro *L'Énigme du retour*, e, em 2013, foi eleito membro da Academia Francesa, sendo o segundo negro e o primeiro cidadão não francês a ser recebido na Academia Francesa.

Dany Laferrière ganha destaque no campus literário americano e europeu, a partir de seu primeiro romance, *Comment faire l'amour avec un Nègre sans se fatiguer* (1985). Podemos definir esse romance como um relato da chegada do escritor em Montreal, durante seu exílio. O escritor chega a Montreal aos 23 anos de idade.

A cidade de Montreal, onde se passa toda a história de Vieux e Buba, foi fundada em 1534 por Jacques Cartier, tendo sido colonizada por franceses e ingleses²¹. Está localizada na província de Quebec, no Canadá. É considerada uma das cidades que mais se assemelha à Europa, por ter a segunda população francófona do mundo e abrigar diversas etnias numa mesma sociedade.

¹⁹ Associação Brasileira de Estudos Canadenses.

²⁰ Feira Literária Internacional de Paraty.

²¹ Disponível em <https://www.immi-canada.com/montreal/>. Acesso em 10 de agosto de 2015.

O escritor Dany Laferrière apresenta em sua obra o cenário étnico que a sociedade de Montreal acolhe, entre essas categorias étnicas estão: senegaleses, latinos, ingleses, japoneses e haitianos (negros metropolitanos²²).

Essa heterogeneidade de raças e culturas presentes no Canadá, explicam de certa forma, a segregação racial e social, que separava os brancos (acolhedores) dos negros da diáspora e imigrantes (acolhidos), no início da década de 1980, em Montreal. Para o pesquisador Joseph Handerson em seu artigo *Diáspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas*, quando os haitianos migram para os países considerados brancos (*blan*), estes remetem a ideia de ser um país de pessoas mais estabelecidas financeiramente, com maior prestígio econômico e social. Por isso, há um grande fluxo migratório para Europa e Estados Unidos. “Aqui, *blan* não possui apenas uma conotação racializada, mas também de alteridade, de classe e de nação. Os usos e os sentidos da categoria *blan* relacionam a questão racial com a nacional e a de classe” (2015, p.69).

Atualmente, a cidade possui uma população de aproximadamente 3,6 milhões de habitantes e está localizada em uma ilha do Continente Americano. Recebeu o nome de Montreal em homenagem à montanha que ocupa o centro da ilha, Mont Royal, onde os primeiros colonizadores ficaram uma cruz, como símbolo da ocupação²³. Em inúmeras passagens do livro, Dany Laferrière faz referência a esse símbolo da cidade de Montreal: “de brinde, a cruz de Mont Royal bem no meio da nossa janela” (LAFERRIÈRE, 2012, p.11); “Com certeza, Buba está no Mont Royal expiando as garotas se bronzear” (LAFERRIÈRE, 2012, p.21); “Olho Valérie Millet, ela parece bem à vontade aqui em casa. Está em frente à janela, olhando a Cruz” (LAFERRIÈRE, 2012, p.63). É como se, a cada instante, o narrador-personagem estivesse pondo o símbolo da colonização em evidência.

Com isso, o narrador-personagem vai, através de seu cotidiano, nos apresentando à cidade de Montreal, explorando suas paisagens naturais e físicas. Apesar do foco da narrativa não ser uma descrição da cidade, este detalha os espaços como forma de situar o leitor. Entre esses espaços apresentados, estão a praça Saint Louis, o restaurante Fontaine de Johanne, os bares Clochauds Célestes

²² Expressão utilizada pelo escritor Dany Laferrière, no capítulo 15 do livro *Como fazer amor com um negro sem cansar* (2012), para definir os haitianos que estavam exilados em Montreal, na década de 1980.

²³ Disponível em http://www.canadainternational.gc.ca/brazil-bresil/about_a-propos/history-histoire.aspx?lang=por. Acesso em 12 de março de 2016.

e Bistrô a Jojo e as ruas Saint-Denis e Laurier. A partir das descrições desses lugares explorados pelos personagens, podemos perceber as diferenças sociais que esses espaços acolhem e como há separações distintas entre as classes sociais que compunham a sociedade canadense, no início da década de 1980.

O ponto central da narrativa gira em torno das relações controversas que os personagens Vieux e Buba mantêm com jovens brancas, da renomada Universidade MacGill. Essas jovens recebem de Buba o codinome de Miz: Literatura, Tarde, Cabelo Curto, Suicida, entre outros, que acabam por caracterizar e depreciar a figura da mulher.

Os dois jovens, tomados pelo desejo de conquistar a América e dominar as mulheres brancas, através do sexo, compartilham o drama de ser negro, pobre e diáspora na América do Norte. Essa trajetória de afirmação da identidade do negro, perpassa todo o enredo do romance, seja a partir dos deslocamentos vivenciados na diáspora, seja nas relações que estabelecem com as jovens canadenses.

Em meio a essa atmosfera de afirmação, Dany Laferrière traz para sua narrativa a ideia de deslocamento a partir da rememoração dos elementos constitutivos da cultura negra, como o jazz, as comidas, os sonhos de libertação e os costumes. Ele retrata os deslocamentos vividos pelos personagens Vieux e Buba, entre o deslocamento de sua cultura, da sua língua e de seu país.

Esses deslocamentos vivenciados pelos personagens trazem um empoderamento da cultura do outro. Mesmo que sem se darem conta, do poder da influência das culturas que o Canadá abriga, para sua história, os amigos compartilhavam os conhecimentos produzidos por essas culturas.

O escritor brinca com a narrativa, de maneira despretensiosa, permitindo que o público leitor sinta o prazer proporcionado pelas relações, que o negro vivencia com jovens brancas, tidas como “intelectuais”, mas que compartilham suas vidas amorosas, com um negro considerado desprovido de qualquer tipo de cultura. Ele mostra que apesar dos preconceitos produzidos pela América do Norte, em relação ao negro, de que esse é inculto e inferior, os personagens do romance possuem conhecimentos quanto à leitura de cânones, como mostra Laferrière:

É preciso ler Hemingway de pé, Bashô andando, Proust na banheira, Cervantes no hospital, Simenon no trem (Canadian Pacific), Dante no paraíso, Dosto no inferno, Miller em um bar esfumaçado com cachorros quentes, fritas e Coca-Cola... Eu lia Mishima com uma

garrafa de vinho barato no pé da cama, completamente esgotado, e uma garota ao lado, no chuveiro (LAFERRIÈRE, 2012, p.21.)

Em contraposição a ideia de que o negro é inculto, o autor busca mostrar que esse se apropria tanto da cultura ocidental, quanto da cultura oriental. Que Vieux e Buba, além de compartilharem relações sexuais com as estudantes da MacGill, esses compartilham com as jovens os conhecimentos produzidos na América e na Europa.

Com isso, o autor se insere na literatura Canadense por meio de uma narrativa de autoficção e migração, que revela as experiências, as emoções, a resistência, o exílio e o sentimento de desterritorialização do negro na diáspora.

3.2 O ROMANCE *COMO FAZER AMOR COM UM NEGRO SEM SE CANSAR*

A obra *Como fazer amor com um negro sem se cansar* de Dany Laferrière, escritor haitiano que foi exilado em Quebec, no Canadá, é marcada pelos deslocamentos em espaços que compreendem o subúrbio e o centro de Montreal. Esses lugares permeiam a mente e os desejos dos personagens Vieux e Buba.

Um quarto no subúrbio de Montreal, sem muitos luxos, entre um restaurante frequentado por pessoas de índole duvidosa e um bar de orgias na rua Saint-Denis, nº 3.670. Esse é o cenário onde se passa grande parte do romance *Como fazer amor com um negro sem cansar* (2012), um lugar que não é exatamente um cartão postal da cidade de Montreal. Trata-se de um lugar que abriga pessoas das mais diversas nacionalidades. No interior desse minúsculo cômodo, dois amigos dividem o mesmo teto, as mesmas esperanças, os mesmos infortúnios da vida de ser estrangeiro e negro, bem como compartilham os elementos que permeiam o imaginário de dois negros solteiros e suas percepções desse lugar que os acolhe. Conforme podemos observar:

Trata-se de uma abjeta pocilga com banheiro que o zelador empurrou para o Buba como se fosse um quarto e sala, por 120 dólares ao mês. Moramos no terceiro andar. Um quarto minúsculo, dividido em dois por um biombo japonês horrível com grandes pássaros estilizados. Uma geladeira resfolegante, como se a gente morasse no andar de cima de uma estação de trem. Pregadas na parede, Coelhinhos da Playboy que, quando chegamos, tivemos que tirar para evitar o suicídio a que esse tipo de coisa leva inevitavelmente. (LAFERRIÈRE, 2012, p.11)

Nesse lugar, Buba e Vieux entre o espaço de um quarto, sala e banheiro passam a dividir suas experiências, suas crenças e suas frustrações quanto a seu deslocamento de seu país de origem para uma terra estranha. Eles se dividem entre as atividades domésticas, a escrita, a meditação e as relações sexuais com garotas da Universidade MacGill²⁴.

O autor reflete sobre sua narrativa quanto à identidade do negro que se vai construindo por meio da relação dele (o estrangeiro) com o outro (nativo). Desse modo, ele nos leva a um cenário de embate de culturas e nos mostra a diversidade cultural que o Canadá abriga. Essas pluralidades culturais e raciais vão sendo apresentadas na obra de uma maneira bastante irônica e bem controversa.

Nesse encontro com um mundo alheio à sua cultura e com um povo com costumes e crenças diferentes, é que os sujeitos da diáspora vão explorando as diferenças e semelhanças entre os negros e os brancos. Nesse momento de encontro, Dany Laferrière vai descrevendo como é olhar do Outro, as intempéries que surgem durante esse processo de afirmação da identidade do negro através da visão que ele projeta a partir do olhar canadense, como destaca no seguinte trecho:

A cidade toda comenta
_ Vocês viram! A estudante de MacGill foi comida por dois negros.
_ Como ficaram sabendo?
_ A polícia encontrou um braço na geladeira.
_ Meu Deus! É a nova política de imigração, hein! Importar canibais.
_ Por falar nisso, ela não foi violentada antes?
_ Não há como saber minha senhora, ela foi comida.
_ Oh! Meu Deus! (LAFERRIÈRE, 2012, p.39).

O personagem, ao manifestar a visão da sociedade que o acolheu, mostra a sua ideia deturpada que faz do negro. É como se esse sujeito que vivencia a diáspora fosse selvagem e canibal. Essa visão projetada pelo negro da diáspora traz traços da colonização de seu país, onde era consolidado pelo poder imperial a ideia de que o índio e o negro eram bárbaros e que não possuíam alma ou qualquer tipo de cultura civilizada.

Tais percepções a respeito do sujeito da diáspora acabam por diminuí-lo e trazem uma aversão há tudo que se relaciona a esse ser desterritorializado. Com isso, esse sujeito passa a ressignificar a sua identidade, incorporando parte da

²⁴ Universidade fundada no Canadá em 1826, por James MacGill, atualmente é administrada pelos órgãos públicos, é considerada uma das melhores Universidades do mundo. Seu principal campus está localizado em Montreal, aos pés do Monte Royal.

cultura do Outro. Muitas vezes, essa identidade é mesclada pelas experiências com o seu lugar de origem e o lugar que o acolhe.

A maneira como o sujeito da diáspora é visto nesse 'entre-lugar' (BHABHA, 1998) vai fazendo com que ele tente reconstruir a sua história. Nessa perspectiva, o autor mostra o negro de uma forma diferente, projetando o negro como um objeto de desejo, de mistério e de diferenças que estão aquém da cor da sua pele.

Os primeiros capítulos do livro são uma referência ao negro em sua relação com o país que o acolhe nesse processo de diáspora e como os negros são vistos por uma população altamente segregadora, como apresenta Laferrière, no capítulo a *Roleta do ocidental*:

Até parece que o período da Negritude acabou, has been, caput, finito, morto. Negro, out. Go home Nigger. A Grande Era Negra, já era! Hasta la vista, Negro. Last call, colored. Volta pra selva, Neguinho. Faz um haraquiri naquele lugar que só você sabe. Olha mamãe diz a jovem Branca, olha o Negro capado. Negro bom, responde o pai, é um negro sem bolas. Bom, em resumo, esta é situação neste começo dos anos 80 marcado por uma pedra preta na história da Civilização Negra (LAFERRIÈRE, 2012, p.17).

A segregação do negro da diáspora é uma das formas de retorno da ideia colonialista de que o negro está a serviço do colonizador, que está deslocado da cultura e necessita retornar à era da escravidão. Dany Laferrière traz para sua narrativa a subversão aos valores e estereótipos arraigados no seio da sociedade canadense.

O romance *Como fazer amor com um negro sem se cansar?* se passa na década de 1980, quando o Canadá vivenciava um momento minucioso em sua história, em que foi realizado um referendo pela separação parcial ou total da província de Quebec do resto do país. Além dessas questões, era comum a circulação de pessoas refugiadas no Canadá, advindas de países em guerra ou sufocados pelos regimes ditatoriais. Para os sujeitos imigrantes, o deslocamento de um país para o outro, poderia ser a salvação, mas poderia virar uma sujeição ao país que os abrigava. Pouco se pensava na integridade desse sujeito e na sua identidade, Paul Gilroy nos apresenta um breve histórico do racismo vivenciado pelos sujeitos imigrantes, no trecho a seguir:

É possível afirmar que a aquisição de raízes tornou-se uma questão urgente apenas quando os negros da diáspora procuraram montar uma agenda política na qual o ideal de enraizamento era identificado

como pré-requisito para as formas de integridade cultural, que poderiam garantir a nação e o estado aos quais aspiravam. A necessidade de fixar raízes culturais ou étnicas e depois utilizar a ideia de estar em contato com elas como meio de reconfigurar a cartografia da dispersão e do exílio talvez seja melhor entendida como uma resposta simples e direta as modalidades de racismo que têm negado o caráter histórico da experiência negra e a integridade das culturas negras (GILROY, 2001, p.224).

Para o autor, o movimento do Atlântico negro remete à ideia de saída e retorno e à hibridização que ocorre nas transações culturais e identitárias, que os imigrantes africanos vivenciam. Com isso, o autor destaca que o Atlântico negro transpõe as barreiras étnicas e culturais, idealizando integrações e comunicações culturais com outros países.

O Atlântico negro representa todas as nações negras que se lançam ao mar em busca de um sonho, de uma vida nova e de um ideal político. O navio abriga todos os sentimentos, anseios e culturas de um povo que tem seus direitos diminuídos. Nesse espaço, as culturas se misturam, os ideais se propagam, mas as ideias racistas estão a todo momento sendo lembradas, suplantadas e postas em prática. Para Paul Gilroy, o deslocamento além das fronteiras do país, traz consigo um universo novo, rico em culturas e histórias,

A imagem do navio - um sistema vivo, micro cultural e micro político em movimento - é particularmente importante por razões históricas e teóricas que espero se tornem mais claras a seguir. Os navios imediatamente concentram a atenção na *Middle Passage* [passagem do meio] *, nos vários projetos de retorno redentor para uma terra natal africana, na circulação de ideias e ativistas, bem como no movimento de artefatos culturais e políticos chave: panfletos, livros, registros fonográficos e coros (GILROY, 2001, p.38).

Esse movimento de transpor as barreiras geográficas e culturais não está associado apenas na perda de elementos identitários de um povo, trazem intempéries ligadas à ideia de lançar-se ao novo, de ultrapassar as barreiras políticas e sociais que separam os povos do Atlântico, de romper com o racismo e de dar visibilidade à cultura negra.

Dentre essas intempéries, do negro ser menosprezado e ter sua identidade silenciada, junta-se a essas a dificuldade de produção literária de exilados e imigrantes nessa época da diáspora africana.

O romance de Dany Laferrière mostra que ser negro, diáspora, pobre e escritor num país estrangeiro é uma tarefa árdua, em um momento em que grande parte do campo literário estava voltado para as produções europeias.

Como fazer amor com um negro sem se cansar toca em duas questões básicas da década de 1980 em Montreal, quais sejam, o racismo e a relação entre canadenses e imigrantes negros, marcada pelo preconceito de uma sociedade conservadora.

Segundo Dany Laferrière, essas relações são marcadas pelo preconceito que a sociedade tem de uma moça branca manter algum tipo de relação com um negro, como apresentado no parágrafo a seguir:

Ao lado dessa guerra entre sexos de cores diferentes, a da Coreia foi uma briguinha sem importância. E a guerra do Vietnã, uma brincadeira sem impacto no curso da civilização judaico-cristã. Se você quer um resumo da guerra nuclear, ponha um negro e uma branca na mesma cama. Mas hoje isso acabou. Estivemos à beira da destruição total sem perceber. O negro era a última bomba sexual capaz de fazer explodir o planeta. E ele está morto. Entre as coxas de uma Branca. No fundo, o negro é apenas um rojão molhado, mas não sou eu quem vou dizer. Abram alas para os amarelos. São os japoneses que conduzem a dança sobre o vulcão. É a vez deles. O cassino das transas. Nada a acrescentar. Vermelho, Negro, Amarelo. Negro, Amarelo, Vermelho. Amarelo, Vermelho, Negro. A roleta do tempo ocidental (LAFERRIÈRE, 2012, p.19).

O sentimento de se apropriar da sociedade branca revela, no ímpeto do negro, um desejo de sentir-se parte do Canadá. Todas as guerras travadas em nome das raças consideradas superiores sobre as raças consideradas inferiores caem por terra no momento da relação sexual. Para Dany Laferrière, tanto faz ser branco, vermelho, negro ou amarelo, através do sexo todos são igualados, não há raça ou cor superior, apenas o desejo impera, revela, assim, que o negro já foi objeto de desejo das jovens americanas, mas no começo dos anos de 1980, havia uma valorização dos ocidentais em detrimento dos negros.

Estas relações de dominação entre o negro e as moças brancas, no apartamento de Buba e Vieux, exprimem a revolta desses personagens contra a população canadense, que pensa que o negro não faz parte dessa sociedade. Assim, eles passam a se impor contra a raça branca no momento em que mantêm relações sexuais secretas com as moças de uma sociedade altamente puritana.

Com isso, o autor tenta desconstruir o estereótipo criado em torno do negro, que mostra o negro apenas com um ser que está no mundo para servir a sociedade branca. Diante dessas questões abordadas, a obra traz um ar de obscuridade, de representações deturpadas, que cria uma relação de distanciamento entre o sujeito diaspórico e a sociedade que o acolhe.

Em meio a esse processo de afirmação do negro, Dany Laferrière cria a ideia de que o negro se constitui nesse universo canadense, através das relações que estabelece entre a sociedade que o acolhe e as pessoas que vivenciam esse momento de diáspora. Para o autor, o sujeito da diáspora está abarrotado de ilusões, de sonhos frustrados, como no seguinte trecho:

Como eu gostaria de saber, de ter certeza de eu o mito do Negro animal, primitivo, bárbaro, que só pensa em trepar, ter certeza de que tudo isso é verdadeiro ou falso. Aqui. Direto. Definitivamente. De uma vez por todas. Ninguém lhe dirá, meu amigo. O mundo está abarrotado de ideologias. Quem quer se meter com um assunto desses? (LAFERRIÈRE, 2012, p.44).

Para o personagem Vieux, a situação de ser objetificado, traz consigo um sentimento de desterritorialização, de estar num lugar que não é sua pátria e nem é o local onde irá construir uma nova vida, que se constitui como um entre - lugar, onde irá ressignificar sua identidade. Dessa forma, esse sujeito produzirá um discurso que revide o processo de colonização de seu país, sua herança cultural e sua identidade enquanto sujeito da diáspora. Com isso, o sujeito da diáspora retoma fantasmas dos momentos vividos em seu país, como a escravidão, o tráfico negreiro e o exílio. Agora nesse país que o acolhe, irá vivenciar outros fantasmas, isto é, a aceitação do negro em processo de diáspora, o olhar do Outro e a afirmação de sua identidade.

A relação com o Outro, produz estigmas, como o sonho de dominar a América e de pôr fim à guerra racial entre negros e brancos. Podemos ver essa necessidade de dominação no seguinte trecho:

Quero trepar com seu inconsciente. É um trabalho delicado que exige uma habilidade infinita. Já pensou: trepar com o inconsciente de uma garota da Westmount! Olho com o canto dos olhos minhas coxas untadas (com óleo de coco) ao longo de seu corpo branco. Pego bem firme os seus seios brancos. Uma penugem suave em sua barriga branca (mármore). Quero trepar com sua identidade. Levar o debate racial até suas entranhas (LAFERRIÈRE, 2012, p.70).

A projeção do Negro inferior e do Branco superior se relacionam a clichês produzidos historicamente pelo colonizador e que são derrubados através da dança dos corpos, que entrelaçam durante a relação sexual. A inacessibilidade à raça branca produz no negro um desejo de dominação, que é suplantado no ato sexual.

Esses clichês deturpados da imagem do negro como inferior à raça branca vão sendo anunciadas por todos os lugares, que compartilham socialmente, o lugar que era para ser um refúgio passa a ser um exílio. O lugar que o abriga passa a percebê-lo como um invasor, o diferente ou o agressor. Como retrata Dany Laferrière, no trecho sobre a longa fila de espera no correio,

A maioria das pessoas da fila se vira para ver o Negro agredindo a Branca. Uma garota lá na frente da fila, de cabelo bem curtinho, se vira raivosa. Ela levanta a voz para dizer que são todos uns maníacos, psicopatas e pentelhos que ficam paquerando o tempo todo. 'Eles somem no inverno, mas assim que começa o verão, saem em bandos dos seus buracos só pra encher o saco das pessoas com seus lenços, tambores, pulseiras e sinos. Eu não tenho nada a ver com esse folclore. Se pelo o menos fossem só os Negros! Mas não, agora também os Sul-Americanos com um monte de correntes no pescoço, pingentes, broches e anéis, todos esses badulaques que eles não param de oferecer nos cafés. Sempre vendendo alguma coisa. Se não é uma joia maia falsificada, é o próprio corpo. Só pensam nisso esses Latinos' (LAFERRIÈRE, 2012, p.49-50).

Os estereótipos produzidos pelo contato com o Outro, trazem sentidos controversos quanto aos negros e imigrantes. A visão do outro como deslocado de sua cultura, produz no negro a ideia de inferioridade e menosprezo dos canadenses em relação à sua tradição e à sua história.

Em meio ao estigma produzido na história do negro e dos imigrantes, ao longo dos processos diaspóricos e das invasões de que seus países, o sujeito da diáspora tenta se estabelecer nessa nova nação, mas esse processo é muito árduo, pois a sociedade canadense vai delimitando e descrevendo de maneira depreciativa a cultura e a raça desses povos, como forma de diminuí-los frente à raça Branca, como destaca Laferrière no trecho a seguir:

Todos parecem concordar um pouco com a garota de cabelo curto, afinal, quem é que já não foi, algum dia, perturbado por um paquerador folclórico, mas daí a atacar o trabalho dos pobres Sul-Americanos e a tradição dos Negros, é ir longe demais. Um homem de uns quarenta anos intervém. Sindicalista típico. Rosto enérgico. "Não precisa misturar tudo, um pentelho é um pentelho e os Negros não são todos pentelhos. Se você acha isso dos Negros, imagina o que eles pensam de nós colonialistas. Eu também acho que a

paquera é degradante para a mulher, mas qual a importância de uma paquera comparada ao Tráfico Negreiro'? (LAFERRIÈRE, 2012, p.50).

As experiências de deslocamento e escravidão do negro, evocadas a cada momento que compartilha com os canadenses, produzem traumas que dificilmente conseguirá suplantar. Mesmo não vivenciando a colonização, os sujeitos da diáspora percebem constantemente relances do passado que os perseguem, seja nas relações desenvolvidas no país que o acolhe ou nos discursos colonialistas, arraigados nessa sociedade.

O preconceito contra esse sujeito da diáspora impede que ele construa sua identidade, que se projete no contato com o Outro e que possa se sentir verdadeiramente livre das amarras da escravidão e da segregação. Nesse sentido, o autor procura revelar as representações que o negro da diáspora faz dessa sociedade tão desigual e paradoxal, buscando construir seus personagens em meio a esses antagonismos vivenciados pelos personagens nas suas relações com universitárias brancas.

Com isso, Dany Laferrière traz para sua narrativa personagens superficiais, que não revelam sua nacionalidade, seu passado ou os motivos que os levaram a se instalar em Montreal. O autor cria para histórias e relações volúveis e fracionadas os personagens, entre esses amigos e as moças que frequentam o apartamento dele, como no seguinte trecho:

Miz Literatura deixou um bilhete para mim (dobrado em quatro, no canto do espelho). Eu já tinha esquecido dela. É a garota da Universidade MacGill e foi Buba que deu o apelido de Miz Literatura. Com Buba é assim. Aquela garota que conhecemos outro dia numas mesinhas na calçada da rua Saint-Denis tomando um sorvete, aquela era Miz Sundae. Para não apanhar de Glória Steinem, escrevemos Miz (LAFERRIÈRE, 2012, p.23).

O local onde esses jovens amigos moram é construído sob um clima de inércia, onde eles passam maior parte do tempo tendo aventuras amorosas com as estudantes brancas, ou estão em momentos de meditação, no caso de Buba, e Vieux dedica uma parte bem reduzida de seu tempo à escrita de seu livro.

O cenário onde esse narrativa se passa vai corroborando com esses fantasmas do passado, principalmente na retomada das memórias dos personagens ao ouvirem o jazz, ao lerem as escrituras sagradas e os escritores consagrados. O

autor apresenta, de uma forma diversificada, a cultura e o modo dos personagens lidarem com as situações de racismo com resiliência. Como destaca Laferrière

Buba está jogado no Divã em sua pose habitual (deitado para o lado esquerdo, virado para a Meca) bebericando chá de Xangai e folheando um livro de Freud. Como Buba é completamente louco por jazz e como ele reconhece apenas um guru (Alá é grande e Freud é seu profeta), não precisou de muito tempo para inventar uma tese complexa e sofisticada em que, no fim das contas, Sigmund Freud é o inventor do jazz (LAFERRIÈRE, 2012, p.13).

Diante dessa heterogeneidade do negro que vivencia o processo da diáspora, Dany Laferrière vai constituindo os personagens sob um ângulo das ideologias propagadas pela sociedade canadense. Essas ideias canadenses produzem algo imprevisível para essa sociedade. Como pode um negro ser culto, conhecedor das literaturas e culturas ocidentais? Diferente da ideia construída historicamente, por essa sociedade, que acredita que o negro só existe para servir, que não tem cultura ou condições de se destacar numa sociedade conservadora. Na descrição do personagem Vieux feita pelo autor, este mostra a situação atual de dois negros da diáspora,

Dois Negros em um apartamento imundo da rua Saint-Denis, filosofando até perder o fôlego sobre a beleza na madrugada. É o café da manhã dos primitivos. O chá pronto. Não temos rádio, nem TV, nem telefone, nem jornal. Nada que nos una a essa porra de planeta. A História não se interessa por nós e a gente não se interessa pela História. Dá na mesma. O que me parece importante no momento é essa conversa gratuita e séria que tenho com a porra desse macaco Buba. É aqui e agora que se decide o futuro da civilização judaico-cristã. Entre dois negros desempregados (LAFERRIÈRE, 2012, p.33).

O autor tenta através do personagem Vieux desconstruir a ideia do negro como um ser deslocado da sociedade canadense. Através da ironia, Laferrière nos mostra o lado sarcástico das relações que os dois amigos compartilham com as moças brancas e como essas relações podem impactar a cultura judaico-cristã da década de 1980. Com isso, o autor tenta quebrar as barreiras culturais existentes entre os imigrantes e a sociedade canadense.

Como o sujeito da diáspora necessita do Outro, para construir uma nova identidade no lugar que o acolheu, ele terá que transpor a desordem de sentimentos de não pertencimento a esse lugar e da falta de uma identidade única, que abrigue sua cultura, seus costumes e sua religião. Para o negro, esse processo de afirmação

está aquém da sua condição de diáspora, está pautado principalmente na sua classe e na sua raça.

Para o autor, a maneira como o negro da diáspora é visto por essa sociedade forma a subjetividade dos personagens Buba e Vieux, isso aniquila seus anseios de crescerem e se firmarem nesse lugar de exílio, bem como a projeção que fazem de si mesmos. A fala de Vieux, em um de seus encontros fortuitos com Miz Literatura, apresenta bem a construção dessa subjetividade. Laferrière (2012, p.24): Miz Literatura, deixou seu cheiro no banheiro. Gide²⁵ conta em seu diário (*Retour du Tchad*) que o que mais o impressionou na África foi o cheiro. Um cheiro muito condimentado. Cheiro de folhas. O negro é do reino vegetal. Os Brancos sempre esquecem que eles também têm cheiro.

O olhar do Outro, que interpela o seu “eu” e produz uma ausência de identidade, levando o negro a subjugar suas diferenças diante do branco, e fica tentando descobrir o que tem de tão diferente para que seja tratado com tanta hostilidade pelo colonizador.

Essas percepções da visão do Outro em relação ao negro é algo muito recorrente na obra, seja nas conversas de bar, no passeio pela sorveteria ou no próprio prédio em que os personagens moram. Vieux, ao longo da obra estabelece sua ideia de racismo, de exílio e de subjetividade, isso faz com que ele não se dê ao luxo de ter consciência, de ser ingênuo nessa sociedade segregadora. Como apresenta Laferrière no seguinte trecho:

Imagina só, ela estuda na MacGill (uma venerável instituição onde a burguesia coloca seus filhos para aprenderem a clareza, análise e a dúvida científica) e o primeiro Negro que lhe conta a primeira história para boi dormir trepa com ela. Por quê? Porque ela pode se dar esse luxo. Se eu me permitir a menor ingenuidade, por um segundo que seja, sou um negro morto. Literalmente. Preciso ser um alvo móvel, ou então, no primeiro vacilo, minha pele não vai valer muito (LAFERRIÈRE, 2012, p.24).

O sentimento do prazer de dominar uma mulher branca na cama, faz com o personagem tenha uma sensação de clímax, mas também de medo. Essa mistura de sentimentos o leva a agir de forma controladora e punitiva com as mulheres que visitam seu quarto atrás de sexo.

²⁵ André Paul Guillaume Gide, poeta, escritor, narrador, dramaturgo e crítico literário francês. Disponível em <http://www.mcnbiografias.com/app-bio/do/show?key=gide-andre-paul-guillaume>. Acesso em 03 de junho de 2015.

Em meio a esse fervilhão de sentimentos, o personagem Vieux cria um sentimento de frustração quanto a não poder realizar seus sonhos e desejos, de não conseguir simplesmente ser um sujeito comum, que pode desfrutar de todas as benesses da sociedade em que vive.

Diante de tais proposições, Vieux passa a ser um mero expectador das nuances e relances das cenas vivenciadas por ele e as garotas da MacGill, em seu quarto. Ele assume o papel de um cineasta, que monta as cenas, o enredo detalhado de suas aventuras amorosas de maneira bem desprendida. Porém, esses momentos de prazer o remetem à sua condição de ser negro, diásporo e pobre num país estranho e em meio a uma classe branca puritana e extremamente discriminadora.

O personagem vai, assim, elaborando em seu pensamento um cenário de dominação e de sujeição das garotas que o visitam. Como bem destaca Laferrière,

Vejo Miz Literatura se mexer na penumbra. Parece que ela está usando um vestido amarelo de gola branca. Com sapatilhas de bailarina. Imagino ela se vestindo com cuidado, se perfumando (ah! Só um toque), colocando o sutiã (ela tem seios pequenos), tudo isso para vir lavar louça no apartamento imundo de um Negro na rua Saint-Denis, perto da praça Sait-Louis. Um refúgio de mendigos (LAFERRIÈRE, 2012, p.37)

O choque de realidade entra a burguesia e a classe pobre, permite que o personagem tente compreender o que realmente leva essa sociedade a discriminá-los pela sua condição social e pela sua cor. Isso ao longo da obra assola o narrador-personagem, que tenta diminuir essas diferenças por meio do ato sexual, que acaba por igualar a todos.

Talvez esse receio que é apresentado pelo personagem, quanto a sua condição nessa sociedade o leve a se esconder e não se deixar mostrar por inteiro. Ao longo da obra, ele cria, com riquezas de detalhes, as moças com quem mantém relações sexuais, porém não demonstra nenhuma característica dele próprio. Essa é uma forma do narrador-personagem deslocar a evidência dos fatos de si para outrem, trazendo o foco narrativo para as ideologias propagadas, por meio de sua escrita auto ficcional. A escritora Ligia Chiappini Moraes Leite, a respeito do narrador afirma que:

O que o NARRADOR vê e deixa de ver está subordinado a 'uma visão mais extensa e dominadora'. Por isso não basta considerar

apenas os tipos de FOCO NARRATIVO (na tipologia de Norman Friedman ou em outra qualquer). Só a relação destes com o AUTOR IMPLÍCITO pode levar-nos à visão de mundo que transpira da obra, aos valores que ela veicula, à sua ideologia (LEITE, 1989, p.20).

Dany Laferrière explora esses elementos implícitos ao longo de sua obra. Dessa forma, o que permite que o foco narrativo seja manipulado pelo narrador-personagem, a partir da maneira que o personagem Vieux se desloca entre suas lembranças do passado e suas frustrações, quanto ao desejo de pertencer ao país que o abriga.

Essas percepções vão desnudando o universo do narrador, mas ao mesmo tempo encobrem os reais motivos que o levaram a exilar-se e os traumas do passado, como os racismo e agressões vivenciadas por seus ancestrais. Com isso, Dany Laferrière representa uma atmosfera de revide dos sujeitos da diáspora aos canadenses, como retrata no seguinte trecho:

A vingança negra e a má consciência branca juntas na cama, isso dá uma noite daquelas! Em todo o caso, foi preciso quase arrancar dos dormitórios negros aquelas garotas de bochechas rosadas e cabelos loiros. O grande Negro do Harlem transa até não poder mais com a filha do Rei do Tédio, a mais branca, a mais insolente, a mais racista do campus (LAFERRIÈRE, 2012, p.19)

A partir dessas relações mantidas secretamente entre as estudantes, Buba e Vieux, é que o autor busca mostrar ao leitor como essas “verdades” construídas ao longo da história, que o negro está apenas a serviço da população branca são meras falácias e não passam de uma visão deturpada do colonizador sobre o colonizado. Isso torna a obra de Dany Laferrière notável ao abordar diversos assuntos como a migração e identidade a partir de vivências do cotidiano desses dois personagens.

Os processos de segregação e apagamento da cultura negra ainda são muito recorrentes nos dias atuais. Isso, em parte, se deve ao fato da dispersão dos povos ao longo da colonização dos países africanos. Pensando nessa temática de transposição da barreira de seu país, é que na próxima seção abordaremos a diáspora, os deslocamentos e a hibridização da identidade do negro durante esse processo.

4. DIÁSPORA, DESLOCAMENTOS E RESISTÊNCIAS

Estudar o conceito de diáspora, deslocamentos e resistências nos remete aos movimentos de desconstrução da conquista colonial europeia, imposta por séculos de colonização e alienação da cultura ocidental sob a cultura oriental. Como forma de denunciar as atrocidades vividas durante esse processo até os dias atuais, escritores que vivenciaram a colonização, em seus países, produzem a escrita de fronteira e de resistência às literaturas europeias.

4.1 SUJEITO DA DIÁSPORA E SEUS DESLOCAMENTOS NA OBRA *COMO FAZER AMOR COM UM NEGRO SEM SE CANSAR*

Os processos migratórios são amplamente explorados nas literaturas caribenhas, essa ênfase na diáspora permite que outros circuitos literários tenham um novo olhar sobre a escrita, à cultura e identidade caribenha, principalmente num momento em que estas literaturas são amplamente discutidas e estudadas a partir do viés do pós-colonialismo. A exemplo disso, temos o caso da escrita de Dany Laferrière em seu livro *Como fazer amor com um negro sem cansar*, traduzido para o português em 2012. Nessa obra, o autor trata das diferenças, do exílio e da depreciação do negro diaspórico.

O enfoque dado, por essas literaturas, ao sujeito da diáspora permite que várias vozes silenciadas pelo exílio ou pelo horror da guerra sejam postas em evidência, mantendo assim a identidade cultural desse sujeito. Mesmo diante desse cenário de afirmação de uma cultura, sabemos que estar em uma situação de diáspora leva o sujeito a assumir múltiplas identidades, a conviverem com diversas culturas e isso é ocasionado pelo contato com o Outro (estrangeiro), como podemos perceber no seguinte trecho do livro:

O gosto do arroz supera as mais sublimes elevações da alma. É uma das formas da felicidade negra. O paraíso negro reencontrado. A Terra Branca (e farinha) prometida desde o primeiro contrato do Tráfico Negreiro. Será que existiria uma psicanálise possível da alma negra? Não seria, verdadeiramente, o “Continente Negro”? Eu pergunto ao senhor, Dr. Freud. Quem poderia compreender o dilaceramento de um Negro que quer a qualquer preço tornar-se Branco, sem romper com suas raízes? Será que você conhece um Branco que deseja, assim, de repente, tornar-se Negro? Talvez existam alguns, mas é por causa do ritmo, do jazz, da brancura dos

dentos, do bronzado eterno do fun negro, da risada aguda. Falo de um branco que quisesse ser Negro, só por ser. Eu queria ser Branco. Bom, digamos que não de maneira totalmente desinteressada. Gostaria de ser um Branco melhorado. Um Branco sem complexo de Édipo (LAFERRIÈRE, 2012, p.68).

O fato de estar em outro continente não garante a esse sujeito da diáspora a noção de pertencimento a cultura canadense. Por isso, tenta se igualar a cultura do Outro. Mesmo tendo a consciência de sua raça, de seus costumes, o sujeito tenta suplantar a ideia de desterritorializado.

Numa análise da diáspora desde os primórdios da humanidade, podemos perceber que para muitos povos esse processo de deslocamento era algo muito comum, eles buscavam novas terras para morarem, plantarem e para montarem novas nações. Era algo que implicava em muitas dificuldades, mas era necessária a sobrevivência de muitas nações que tinham costumes e crenças diferentes.

No livro *Como fazer amor com um negro sem cansar*, a questão da diáspora é tratada de maneira velada, a partir das percepções que os canadenses fazem do sujeito da diáspora. Como apresenta Dany Laferrière: “Buba voltou do SAVI (um centro de ajuda para os migrantes e imigrantes). Lá só falta eles pedirem tua biografia completa e um certificado de vida correta e bons costumes para te dar vinte dólares”. (LAFERRIÈRE, 2012, p.112)

Esse deslocamento, além das fronteiras de seu país, cria um espaço de diferenças sociais, étnicas e culturais que revelam aversão ao Outro (outra pátria) pelo sujeito da diáspora.

Hall (2003, p.35) afirma que: “O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre dentro e fora”. Para o autor, a construção do sujeito subjetificado está na ideia de superioridade que uma cultura considerada superior, faz de uma cultura considerada inferior, aos olhos do país que acolhe esse sujeito.

Esse desejo do sujeito da diáspora em se afirmar enquanto imigrante num país de culturas diversificadas faz com que este busque resistir a dominação do “Outro” e passe a assumir uma identidade multifacetada e ambígua, criando uma nova forma de se impor contra o país novo, contra essa gente estranha, buscando dessa forma, se afirmar enquanto estrangeiro (o Outro), através de sua língua e de sua cultura. É o que Bonnici (2009, p.133) ressalta quando diz que: “O outro pode

ser definido como alguém diferente de si próprio. O sujeito colonizado é o outro; o colonizador se caracteriza pela naturalidade e pela universalidade de sua cultura e de seu ponto de vista”.

Com isso, o colonizador (acolhedor) tenta impor, de maneira quase que “implícita”, uma nova cultura e uma nova língua ao sujeito da diáspora, e este se apropria de partes desse conhecimento que lhe foi repassado, construindo um processo de hibridização como forma de resistir a esse processo de aculturação.

Dany Laferrière, traz para seus personagens um elemento que desestabiliza a ideia pré-concebida de negro inculto. O autor retrata, na sua narrativa, vários escritores famosos, que compõem o acervo literário dos dois amigos, como Freud, Hemingway, Proust, Cervantes, Simenon, Dante, Dosto, Mishima, Miller, entre outros autores. Grande parte dos escritores citados na obra de Laferrière são americanos, latinos ou negros. Com isso, o escritor busca dar visibilidade às literaturas não-europeias, também como forma de subverter as literaturas produzidas pela Europa.

Essas formas de resistência são próprias do sujeito da diáspora; essa busca por transgredir o que já vem ditado e determinado; o constante confronto entre as diversas culturas traz à tona questões raciais e desigualdades vivenciadas em uma sociedade considerada diferente daquela do seu país de origem.

Como bem destaca Bonnici (2009, p.30): “[...] diáspora refere-se ao trauma coletivo de um povo que voluntária ou involuntariamente saiu ou foi banido da sua terra e, vivendo num lugar estranho, sente-se desenraizado de sua cultura e de seu lar”.

Essas percepções quanto a esse processo vivenciado na diáspora e a esse estranhamento do estrangeiro, sob a visão do país que o acolhe, nos mostra como é difícil para muitos aceitar o novo, o diferente e o subalterno. Com isso, percebemos que muitas culturas estão sendo afetadas e suprimidas.

Diante de tais observações, é possível perceber que as desigualdades e as supressões de uma cultura estão intimamente ligadas às relações de poder entre os que se consideram maioria e uma “pequena minoria” que vivem à margem da sociedade, sem voz, sem vez e sem poderem se assumir enquanto sujeitos de uma nova pátria.

É notório saber que é muito comum nos romances caribenhos uma apreciação da discussão sobre a diáspora e deslocamentos que os sujeitos, em processo de diáspora, vivenciam no percurso entre o país de origem e o país além-

mar, um ‘entre-lugar’ que Bhabha (1998) apresenta como o lugar onde o sujeito vai constituindo uma nova cultura e um discurso frente às diferenças de raça/classe e gênero.

Grande parte dos romances produzidos por escritores da diáspora são escritos em língua inglesa e francesa, pelo fato de seus países de origem terem sido colonizados tanto por americanos quanto por franceses, mas há uma forte tradição no que diz respeito à escrita de livros no inglês crioulo, como uma forma de rejeitar ou ab-rogação a língua imposta pelos colonizadores. Bonnici destaca que,

A ab-rogação e a apropriação são posicionamentos políticos a favor da identidade ou de uma população cuja língua foi herdada no tempo colonial ou de um grupo de pessoas que, em suas publicações científicas e em outras ocasiões, se utiliza dessa mesma língua. Quando se propõe paridade em todas as formas de língua inglesa (a versão australiana, sul-africana, nigeriana, caribenha, guianense, gibraltarina etc.), a ab-rogação é um antídoto diante da hegemonia cultural do inglês, já que a língua sempre é adaptável e já que a mesma ferramenta serve para transformar e libertar (BONNICI, 2009, p.38).

A escolha desse lugar, de onde o sujeito da diáspora fala, é um posicionamento frente à sua cultura, frente a uma nova cultura híbrida e uma forma de afirmação dos seus valores sociais e culturais, buscando assim subverter a cultura e a língua do colonizador.

No campo literário, os romances caribenhos vem ganhando destaque e tendo um lugar de visibilidade pelas reflexões que ele traz acerca da colonização, da diáspora caribenha, dos estudos de gênero e hibridismos muito recorrentes nessas literaturas.

Mesmo que os escritores da diáspora vivenciem uma cultura híbrida – já que muitos deles escrevem fora do Caribe, mas sobre a cultura caribenha -, eles conseguem se posicionar na sua subjetividade frente ao discurso dominante.

Diante de tais subjugações da escrita da diáspora frente à escrita europeia, esta faz ouvir os discursos silenciados de pessoas à margem do cânone literário e de grupos minoritários. Nesse quadro insere-se os autores que abordam esta temática podemos citar Edwidge Danticat, René Depestre e Dany Laferrière.

Nessa pesquisa, atentaremos-nos mais para o primeiro romance do escritor haitiano Dany Laferrière, na obra *Como fazer amor com um negro sem se*

cansar?. Nela muito recorrente a problemática sobre o sujeito na diáspora, sobre o racismo e sobre o silenciamento desses sujeitos.

Em *Como fazer amor com um negro sem se cansar*, Dany Laferrière permite que o leitor visualize ironias e ambiguidades (uma universitária manter romance secreto com um negro pobre e diásporo), comuns na relação entre aquele que recebe este sujeito em outro território e esse sujeito desterritorializado.

Para Dany Laferrière, a visão que o acolhedor desse ser desterritorializado tem do negro na diáspora é uma visão deturpada que acaba subjetificando-o a uma cultura colonial e patriarcal, como representa o autor no trecho em que Vieux vai ao correio:

Passado o momento de estupor, a garota de cabelo curto reage de novo. 'Então, é sempre a mesma coisa, os colonialistas realizaram as suas fantasias de dominação fálica esmagando os outros, e, na hora de pagar a conta, esse safado propõe simplesmente que os Negros comam as nossas mulheres'. Nossas mulheres! Ela disse 'nossas' (LAFERRIÈRE, 2012, p.50).

Essas percepções feitas pela sociedade canadense referentes à cultura e à raça negra revelam preconceitos que essa sociedade alimenta, em referência a esse sujeito. Trazem consigo um rastro de desprezo e subjugação do negro da diáspora. O processo de sentir-se um sujeito que não pertence a esta nova cultura, e que é reprimido por sua raça ou classe, leva o sujeito da diáspora a viver em constante deslocamento, buscando um lugar onde ele possa ser visto como sujeito de uma comunidade.

Esses processos de deslocamentos são muito recorrentes, na obra e na vida de Dany Laferrière. E isso se constitui como um movimento de exílio voluntário ou involuntário desse sujeito da diáspora, muitas vezes, ocorrendo como uma forma de fugir dos horrores da guerra, da crueldade das ditaduras ou para fugir das assolações da pobreza e de desastres naturais em seu país de origem.

O estudo sobre esse processo diaspórico é amplamente discutido e estudado pelos estudos pós-coloniais, que exploram o negro na diáspora, suas identidades multifacetadas e o olhar do Outro (colonizador) sobre as culturas desses sujeitos e a resistência frente às imposições do colonizador.

Hall (2003, p.27) afirma que: "Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas". Com isso, o negro assume a identidade de sujeito da diáspora,

mas mantém a sua subjetividade frente à cultura dominante, pois essa situação de deslocamento de uma cultura para outra cultura produz uma cultura híbrida.

A ideia de um país que será uma terra de realizações, prosperidade e onde todos os seus sonhos serão realizados torna-se uma utopia, pois a realidade desse processo de acolhimento do sujeito da diáspora é bem distante dos seus ideais, e a obra de Dany pontua bem este distanciamento da igualdade de oportunidades entre o colonizador e o colonizado, entre o nativo e o estrangeiro e entre o negro e o branco.

Em *Como fazer amor com um negro sem se cansar*, Dany Laferrière mostra-nos que a única forma de diminuir a distância entre as classes sociais menos favorecidas frente à classe dominante é a resistência da classe subalterna contra os ditames e regras impostas pela sociedade colonizadora.

Diante dos efeitos produzidos por práticas colonizadoras, na obra de Dany Laferrière, é que os dois personagens do romance buscam, através do sexo, despir-se de preconceitos impostos por uma cultura fixada pelo colonizador, a partir do momento em que esses recebem senhoritas da mais alta classe puritana e passam a se igualar através do sexo, os sujeitos da diáspora deixam transparecer sua identidade, livre de ditames e amarras da visão do Outro. O autor corrobora com essa ideia no trecho em que o personagem principal e Miz Literatura acabam de fazer sexo e Vieux descreve a tela Grande interior Vermelho, de Matisse (1948)²⁶, como uma alusão à selvageria suscitada através da entrega sexual, de uma branca ao negro:

Sob os pés arqueados da mesa da direita, duas peles de animais selvagens. É uma pintura primitiva, animal, gregária, feroz, tripartida, tribal, trivial. Sentimos um canibalismo de bom menino que se aproxima da felicidade imediata. Direto, aqui, embaixo do nariz. Ao mesmo tempo essas cores primárias, gritantes, de uma sexualidade violenta (apesar do descanso do olhar), propõem nessa selva moderna uma nova versão do amor. Quando me coloco essas questões – oh, quantas angústias – sobre o papel das cores da sexualidade, penso na resposta de Matisse. Ela me acompanha desde então. Eu não sabia que não seria suficiente para enfrentar a tempestade da vida e que provavelmente morrerei com as garras desse problema apertando minha garganta (LAFERRIÈRE, 2012, p.44-45).

²⁶ Henri Matisse era artista e pintor francês. Essa obra de Matisse expressa a paz de espírito, as formas e movimentos construídos nela retratam o momento em que o artista tenta se estabelecer como pintor.

Dany Laferrière explora o universo sexual do negro, como uma forma de subverter as ideologias imposta pela colonização, mas o autor destaca que mesmo que o negro busque se despir das amarras do passado de escravidão e massacre da raça negra, esses fantasmas ainda permeiam a sua mente. Essas percepções quanto à visão que o Outro faz do negro, assim como uma tela, suscita diversas interpretações, o negro é invisibilizado e humilhado, diante do olhar do Outro.

Com isso, o negro começa a reinventar seu espaço, a construir uma cultura híbrida, a se reinventar em oposição à cultura do colonizador, que conforme as palavras de Bhabha (1998, p.62), “[...] o sujeito colonizado - semi-aquiescente, semi-opositor, jamais confiável - produz um problema irresolúvel de diferença cultural para a própria da autoridade cultural colonial”, já que, na visão do colonizador, o colonizado é sempre o sem cultura e sem uma identidade.

Esse olhar sobre uma cultura diferente a do colonizador, faz surgir uma barreira, um choque entre culturas e raças, o que acaba por sobrepor uma cultura sobre a outra. No que se refere à cultura, Bauman informa que

A ideia de “cultura” serviu para reconciliar toda uma série de oposições enervantes pela sua incompatibilidade ostensiva: entre liberdade e necessidade, entre voluntário e imposto, teleológico e causal, escolhido e determinado, aleatório e padronizado, contingente e obediente à lei, criativo e rotineiro, inovador e repetitivo – em suma, entre a autoafirmação e a regulação normativa (BAUMAN, 2012, p.13).

Com isso, o colonizador pleiteia uma cultura única e estabilizada, que não esteja em perigo frente à cultura do outro, do considerado sem cultura, visto como um ser destituído de qualquer forma de civilização.

Dany Laferrière explora em seu romance estas questões quando mostra o relacionamento de dois negros com jovens que jamais dariam um bom dia para um negro pobre e diásporo. Na referência que Vieux faz de Miz Literatura, Laferrière (2012, 38) destaca que: “O que ela faz aqui, ela só faria por um branco com uma arma na encostada na cabeça, e ainda assim não faria nem um décimo”. Assim, o autor busca por meio das relações sexuais igualar as raças, numa dança de corpos que se dão ao prazer sem pensar a qual classe ou cultura pertencem.

Dessa forma, os personagens do romance passam a ser objeto de desejo das estudantes brancas da classe alta, reprodutoras de uma cultura colonizadora, mesmo sendo um país que foi colonizado, estas veem o sujeito da diáspora como

um ser subalterno, sem uma cultura ou identidade e como um ser criado para servir a seus desejos mais secretos – de destituir o sujeito da diáspora de uma identidade cultural em nome de uma tradição que pensa que é superior a outras culturas. Hall (2003) ressalta que:

[...] a tradição cultural satura comunidades inteiras, subordinando os indivíduos a formas de vida sancionadas comunalmente. Isto é contraposto à ‘cultura da modernidade’ — aberta, racional, universalista e individualista. Nesta, os vínculos culturais particulares devem ser deixados de lado na vida pública — sempre proclamados pela neutralidade do estado civil — para que o indivíduo fique formalmente livre para escrever seu próprio script (HALL, 2003, p.73).

Hall apresenta que, em nome de um falso progresso, milhares de comunidades são exterminadas e têm sua herança cultural silenciada. Diante de tamanho extermínio, o escritor Dany Laferrière mostra que através do sexo, essas barreiras podem ser rompidas. Essa relação de dominação do outro cria uma nova relação de dominado para dominador. Com isso, o narrador-personagem assemelha-se a uma pessoa *peyi blan*²⁷, quando busca se igualar ao branco através das relações que desenvolve com estudantes brancas, como forma de subjugar uma cultura racista e segregadora.

4.2 RESISTÊNCIAS E LUTAS PELA AFIRMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE NA OBRA DE DANY LAFERRIÈRE

A literatura do escritor Dany Laferrière se constitui como um local, onde o negro da diáspora se posiciona politicamente, frente à cultura canadense, dominante na cidade de Montreal. Assim, sua escrita se estabelece como um campo de resistência às regras impostas por essa sociedade. Com isso, o autor traz para sua obra elementos tanto da cultura negra, quanto da cultura canadense, que reproduz traços da colonização de seu país, como forma de revelar os embates políticos e culturais vivenciados pelo sujeito da diáspora. Percebemos essa hibridização cultural quando Laferrière explora, em seu livro, objeto desta pesquisa, alguns elementos culturais, como no seguinte trecho: “Incessantemente, ele prepara chá em um *réchaud* com álcool enquanto lê livros raros sobre a arte assíria, os místicos

²⁷ Constitui-se um espaço simbólico imaginado, praticado e vivido (HANDERSON, 2015, p.70).

ingleses, os vévés²⁸ do Vodou, a Fata Morgana de Swinburne” (LAFERRIÈRE, 2012, p.14).

O autor Dany Laferrière, contribuiu com sua escrita, para a valorização da cultura negra e para a formação do negro na diáspora e para a forma como esses são representados nas literaturas de fronteira. Suscitando, assim, um revide e oposição à dominação cultural, um resgate dos elementos constitutivos do negro da diáspora, uma valorização das suas particularidades e da sua dignidade.

Diante da subjugação do negro pelo branco, entendemos que a diáspora e deslocamentos, sejam dentro ou fora do país, sempre trazem conflitos quanto à identidade do sujeito e sua tradição cultural, pois esse espaço de tempo em que o sujeito migra ou imigra traz para ele novas experiências de vida, novos contextos políticos e culturais, que de alguma forma influenciam nessa nova identidade na diáspora. Para Hall, a diáspora produz um embate de culturas, e

Os elementos da "tradição" não só podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância. Com frequência, também, a luta cultural surge mais intensamente naquele ponto onde tradições distintas e antagônicas se encontram ou se cruzam. Elas procuram destacar uma forma cultural de sua inserção em uma tradição, conferindo-lhe uma nova ressonância ou valência cultural (HALL, 2003, p.260).

Mesmo tendo suas tradições, suas crenças e sua cultura formada, o sujeito da diáspora vai formando uma identidade multicultural, mas sem deixar que a sua cultura seja negada pelo Outro. Como forma de manutenção da sua identidade cultural, este utiliza a língua, os costumes, a dança e a escrita para propagar e hibridizar a cultura do colonizador.

No livro *Como fazer amor com um negro sem se cansar*, o escritor Dany Laferrière nos mostra as formas que o personagem Vieux usa para hibridizar a cultura do Outro e resistir aos ditames da sociedade canadense, ao levar as universitárias da MacGill a lugares incomuns ao universo canadense. Observamos isso no trecho a seguir:

Atmosfera elétrica. Os corpos negros dos Senegaleses reluzem na penumbra em brilhos de magnésio. O ar, um cheiro leve e insistente de haxixe. Atravesso a sala em pleno show dos senegaleses. A sensação úmida desses corpos torrados de uma chuva de ritmos nagôs. O chamado da selva, rua Saint-Catherine. Música negra para

²⁸ Símbolos do vodou.

dançarinos brancos. Soul. Soul on fire. Alta tensão. Miz Literatura conversa com uma punk (LAFERRIÈRE, 2012, p. 87-88).

Esse processo de recepção da cultura e da identidade do outro não é algo bem visto pelo Colonizador, já que acaba por deturpar parte de uma herança cultural “sólida”, patriarcal e segregadora, que se diz moderna para os avanços tecnológicos, mas por outro lado vê com maus olhos uma cultura que é diferente da sua.

Sobre essa distorção de cultura nacional por parte do colonizado, Hall (2006, p.58) diz que: “[...] devemos ter em mente esses três conceitos, ressonantes daquilo que constitui uma cultura nacional como uma “comunidade imaginada”: as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança”.

Sendo assim, o sujeito da diáspora vai assumindo diversas identidades de acordo com o ambiente e a época em que este está vivendo, a identidade agora deixa de ser imutável e estática, repassada apenas pelo seu grupo familiar, ela passa a se constituir das relações deste com outros grupos de diferentes locais e países. Para o escritor Dennys Cuche

Cada cultura é dotada de um ‘estilo’ particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas desta maneira. Este estilo, este ‘espírito’ próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos (CUCHE, 1999, p.45).

O autor destaca que cada cultura é única e influencia na maneira como cada um de nós vivemos e nos constituímos. Por isso, não podemos simplesmente apagar nossas tradições culturais. Esse choque de culturas faz emergir uma crise identitária no sujeito da diáspora que agora faz parte de inúmeras culturas, mas que como revidé ao colonizador não se sujeita a estas culturas, porém as incorpora de maneira hibridizada, tentando dessa forma se afirmar entre o mundo real e o cultural.

Há que se questionar se todas essas identidades que o sujeito assume podem torná-lo um ser dividido entre sua cultura e outras culturas. Será que este consegue absorver elementos de outra cultura que vão de encontro com seus objetivos de vida, seu posicionamento político e suas crenças?

Esses questionamentos trazem à tona um conflito que o sujeito vive na diáspora, produto de um mundo pós-moderno que prevê uma identidade fixa e única, que molda este sujeito de acordo com o que Hall (2006) chama de identidade unificada. Conforme Hall, esse embate de culturas, produz um choque de

identidades, já que dentro de nós projetamos e vivemos, conflituosamente, com inúmeras identidades. Estas identidades se conflitam, mas também se hibridizam formando uma identidade multicultural e que assume diversas faces.

Esse conceito de uma cultura única é produto da colonização, que deturpa a integridade do colonizado. Antes da colonização, os nativos dos países colonizados não se consideravam diferentes, pormenorizados ou dissonantes dos ideais da empreitada colonizadora. Para Albert Memmi (1989), os colonizadores além de terem privilégios, em detrimento dos colonizados, subvertiam as normas vigentes e as substituíam pelas suas próprias normas.

A justificativa para a subjugação da cultura e dos direitos dos colonizados, era uma falsa ideia de imponência, propagada pelo colonizador aos nativos. Os colonizadores consideravam que os povos colonizados eram carentes de recursos, de cultura e que jamais conseguiriam trazer o progresso para as colônias. Com isso, os colonizados sentiam-se diminuídos frente aos encantos e enganos do colonizador, desejando assim, se igualar a ele.

Para Frantz Fanon (2008), os povos colonizados guardavam dentro de si, um sentimento de inferioridade em relação ao colonizador, pois tinham sua cultura e identidade suplantada, pela do colonizador.

A assimilação da cultura do Outro nega a essência do colonizado, por outro lado, a hibridização da cultura e da língua do colonizador pressupõe uma forma de revide à colonização, pois na visão do colonizador, o colonizado não passa de um “objeto”, e como tal, é tratado sem nenhuma forma de humanidade. O sujeito tem suas raízes silenciadas, é tratado como um animal e tem sua dignidade apagada.

Essas estratégias de colonização, produzem no colonizador um excesso de crueldade, que o torna um animal irracional. Aimé Césaire (1978, p.21), destaca que: “Colonização: testa de ponte numa civilização da barbárie donde, pode, em qualquer momento, desembocar a negação pura e simples da civilização”. Diante de tais crueldades, o colonizado fica a mercê da própria sorte e dos desmandos do colonizador. Mesmo nos dias atuais essa situação colonial ainda é muito recorrente, seja através da segregação de raças ou deturpação de uma cultura.

Na obra *Como fazer amor com um negro sem se cansar*, o escritor Dany Laferrière mostra como o negro da diáspora é objetificado pelo país que o acolhe, nos mostrando que através do sexo, o negro desestabiliza as concepções impostas por essa sociedade patriarcal e racista. Isso se constitui como uma forma de resistir,

se firmar e se posicionar frente à essa cultura colonizadora. O escritor destaca essa percepção quando descreve a fala de Vieux, que deseja dominar a América, sem se preocupar com o que sua consciência acharia de tamanha audácia,

É simples: eu quero a América. Nada menos. Com todas as girls do Radio City, seus buildings, seus carros, seu enorme desperdício e até sua burocracia. Quero tudo: o bom e o mau, o que é para jogar fora e o que é para guardar, o que é feio e o que é bonito. A América é um todo. Então, o que você quer que eu faça com uma consciência? E eu sou pobre demais para comprar uma. De qualquer forma, se eu tivesse mesmo uma, a uma hora dessas ela já estaria no prego (LAFERRIÈRE, 2012, p.29).

Vieux não se permiti ter consciência das estratégias que usa para se firmar na América. Para ele, o negro está abarrotado de fantasias e desejos, que talvez jamais consiga realizar, principalmente, por estar numa sociedade burocrata, onde jamais permitiria que ele se relacionasse com um branco. Para esse sujeito diaspórico, seria impossível ter visibilidade num grupo tão seletivo. Por isso, não poderia se permitir ter consciência, das as relações que mantinha com as jovens da Universidade MacGill, uma vez que destoavam das regras estabelecidas por essa sociedade.

Dessa forma, o negro da diáspora torna-se vulnerável à essa sociedade homogeneizadora, mesmo tentando se livrar desse julgo colonizador, vivendo uma constante crise identitária, dividido entre pertencer ou não ao país que o abriga, em assumir os valores patriarcais dessa sociedade, ou transpor as normas estabelecidas culturalmente, que fixam o que Homi Bhabha (1998) nomeia como “representação da diferença”.

Esses embates de cultura e valores do acolhedor e do acolhido demonstram uma ideologia racista e opressora, que mesmo nos dias atuais se processa em diversas esferas da sociedade. Contudo, a resistência aos discursos hegemônicos, se efetiva através do contra discurso do sujeito diaspórico à cultura que reproduz um discurso colonizador, por meio da arte, das manifestações culturais e da literatura, como podemos observar na obra de Dany Laferrière:

Esta casa respira calma, tranquilidade, ordem. A ordem daqueles que pilharam a África. Inglaterra, mestre dos mares.... Tudo aqui está em seu lugar. Menos eu. É preciso dizer que eu só estou aqui para trepar, com a garota. Então de alguma forma, também estou no meu lugar. Estou aqui para trepar com a filha desses diplomatas cheios de arrogância, que nos batiam com seus cassetetes. Na verdade, eu

não estava lá quando isso aconteceu, mas o que vocês queriam? Já que a história não cuidou bem de nós, ela ao menos nos serve de afrodisíaco (LAFERRIÈRE, 2012, p.90-91).

Esse posicionamento do personagem Vieux, frente ao silenciamento da história do colonialismo, traz para narrativa uma ligação entre presente e passado, que se relacionam com ideia de revide do colonizado ao colonizador. Dessa forma, o escritor abala os preconceitos impregnados no seio da sociedade judaico-cristã canadense.

Nesse sentido, o escritor constrói o negro como um objeto de desejo, contrariando a ideia de que está para servir aos brancos, agora ele é servido e tem as mulheres brancas aos seus pés. Para Fanon (2012), é preciso que o negro se liberte dos complexos arraigados no seio da situação colonial.

A obra de Dany Laferrière denuncia as discrepâncias existentes entre a sociedade canadense, os negros da diáspora e os imigrantes no início da década de 1980. Ele busca com sua obra construir o universo do negro, de forma que esse passe a ser visto e respeitado em sua integridade.

O escritor ironiza a cultura canadense, que divide e objetifica o negro, sem se preocupar com a sua sobrevivência e a sua dignidade, mostrando-se imparcial ao racismo estabelecido nessa sociedade. Dessa forma, o autor apresenta ao leitor essas conjecturas, no momento em que Vieux faz sexo com Miz Literatura,

Penso em minha cidadezinha no fim do mundo. Em todos os Negros que partiram em busca da riqueza dos Brancos e voltaram gagos. Não sei por que – isso não tem nada a ver com o que está acontecendo agora – penso em uma música que ouvi a muito tempo. Era um cara da minha cidade que tinha um daqueles discos da gravadora Motown. Falava de um linchamento, em Saint-Louis, de um jovem negro. Enforcaram e depois castraram o cara. Por que castrar? Essa pergunta me perseguia a vida toda. Por que castrar? Heim! Você pode me dizer? Naturalmente, ninguém desejaria se envolver com um assunto desses (LAFERRIÈRE, 2012, p. 43-44).

Por levar em consideração as atrocidades vivenciadas por inúmeros negros, que saíram da África em busca de uma vida melhor, é que Vieux se põe a questionar o que o negro tem de tão diferente, a ponto do branco usar tais subterfúgios para com sua raça. Esses traumas do passado e da história do seu povo o atormentam todas as vezes em que se relaciona com uma moça branca. É como se a cada momento fosse interpelado pela sua condição de negro diaspórico.

Há que se considerar que a construção desses estigmas do passado, perpassam sua vida, talvez, por esse sujeito sentir-se em situação de inferioridade, frente ao país que o acolhe, ou por vislumbrar as conquistas materiais que os brancos conseguiram através da escravidão de milhares de negros, ao longo da colonização dos países africanos.

O escritor Dany Laferrière mostra em sua obra o desejo de dominação do negro frente à raça branca, como forma dos colonizadores pagarem um pouco das atrocidades cometidas durante a colonização,

Miz Literatura termina de arrumar a mesa. Ela põe a água do chá para ferver. Eu me acomodo. Ela me serve vinho. Fecho os olhos. Ser servido por uma Inglesa (Alá é grande). Estou satisfeito. Finalmente, o mundo se curva aos meus desejos. (LAFERRIÈRE, 2012, p. 27)

O sentimento de dominar a cultura branca e ter uma branca a seu dispor, projeta em Vieux um desejo de superioridade; do negro sobre o branco. Essa apropriação do Outro se constitui como um revide, como uma forma de subverter a posição de classes, de desmitificar a ideia de que o negro está a serviço do branco.

A partir desse sentimento ambíguo, entre querer ter a América aos seus pés e de sentir-se um cidadão americano, Vieux vive conflituosamente com essas duas identidades, o que acaba por deturpar as relações que mantém com as moças brancas. Essas percepções da situação do negro durante o processo de diáspora, trazem para Vieux um olhar de denunciador das mazelas e enganos sofridos pelos personagens, ao quererem se firmar frente ao país que o acolhe.

O narrador-personagem vivencia a ideia de poder contradizer o discurso colonizador, e isso é possível também, através da escrita de seu livro, onde retrata a real situação de dois negros da diáspora em Montreal e como esses são vistos pela sociedade canadense.

Compreendemos, portanto, que tanto o livro do personagem Vieux como do escritor Dany Laferrière se posicionam como uma narrativa de resistência, por construírem algo novo, num campo literário dominado pelas literaturas europeias e por quebrarem com hegemonia e traços colonizadores da sociedade canadense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As percepções desta pesquisa partiram do estudo da teoria pós-colonial e das contribuições desta às literaturas produzidas a partir da década de 1970. Diante disso, analisamos a obra *Como fazer amor com um negro sem se cansar*, do escritor Dany Laferrière, escrita entre a década de 1970 a 1980.

O primeiro ponto analisado no livro foi como a teoria pós-colonial coaduna com os elementos propostos na obra, analisando as histórias que perpassam a narrativa, como a chegada dos amigos Vieux e Buba a Montreal, como os negros foram pilhados na colonização da África e como esses são vistos pelos canadenses.

Consideramos, assim, que para o negro retomar suas raízes frente à cultura do colonizador, esta foi uma tarefa árdua que suscitou movimentos pró-independência e movimentos literários em inúmeros países africanos. Esses movimentos e as ditaduras que o Haiti vivenciou levaram alguns de seus escritores a exilarem-se em outros países, muitos foram para o Canadá e Estados Unidos.

Na sequência analisamos obras de escritores, que foram influenciados pelo pós-colonialismo. Destacamos como essa corrente crítica influenciou escritores africanos a escreverem um contra discurso, ao poder centralizador e colonizador das literaturas europeias.

Dessa forma, as produções pós-coloniais analisadas apresentam a visão da colonização, sob o olhar do colonizado. Fazendo um resgate da cultura e das raízes do povo africano.

Compreendemos que a obra de Dany Laferrière faz um retorno aos valores do negro, valorizando os elementos que compõem a sua cultura e a identidade negra, como o jazz de Charlie Parker, a religião vodu e a influência de grandes escritores negros, tais como: J.-S. Alexis e Roumain. A reapropriação dos elementos identitários da cultura negra mostra o poder que as raízes africanas têm de serem rememoradas a cada situação vivenciada pelos amigos Vieux e Buba.

Percebemos que os elementos identitários são muito recorrentes, em toda a obra de Dany Laferrière, a ponto de influenciarem as jovens universitárias, que frequentam o quarto dos personagens. Como mostra o escritor, no diálogo entre Vieux e Miz Literatura,

Miz Literatura volta à carga, meia hora mais tarde.

_ Coll, brother;
 _ Essa agora! Desde quando as garotas de Outremont falam desse jeito?
 _ Digamos que desde que elas saem com Negros (LAFERRIÈRE, 2012, p.82).

Dessa forma, indiretamente, o acolhedor acaba se apropriando da linguagem utilizada pelo acolhido, usurpando as normas vigentes da sociedade canadense, que entendem o acolhido é quem deve assumir os padrões e a língua do acolhedor.

No entanto, há que se considerar que a influência do acolhedor (colonizador) sobre o acolhido (colonizado) é muito mais forte, já que vivenciam e compartilham constantemente os costumes, os preceitos e a língua canadense. Usando o conceito de recepção da cultura do Outro, Bonnice (2009) salienta que a questão com relação ao “racismo inerente ao colonialismo”, a maneira como a cultura e a religião do outro é vista. Mesmo não vivenciando a colonização, o negro da diáspora é interpelado pelas novas formas de imperialismo, que se revelam menos cruéis e de maneira velada.

O escritor Dany Laferrière revela de maneira escancarada a ideologia, presente nas atitudes colonizadoras arraigadas na sociedade canadense, que demonstram os efeitos da colonização do Canadá ainda é muito presente nos discursos canadenses. Como uma forma de chamar a atenção do leitor e ampliar sua visão sobre as formas de colonização e segregação existentes entre brancos e negros, inclusive as questões nos dias atuais, reveladas pelo autor nos inúmeros momentos em que Vieux e Miz Literatura compartilham.

Os encontros entre um negro e uma branca, mostram que Miz Literatura que é branca, de uma classe superior, tenta indiretamente colonizar a mente de Vieux, negro, pobre e diaspórico. Pressupondo assim, que o negro é ingênuo a ponto de se deixar dominar pelas inúmeras tentativas da jovem de inserir elementos da sua cultura, tentando modificar o quarto, que divide com seu amigo Buba,

Seu único defeito é querer a qualquer preço, transformar este quarto num lugar agradável. Dar um toque de Outremont. Então, cada vez que ela vem me ver, traz um objeto. Nesse ritmo, em seis meses, vamos estar soterrados por vasos raros, gravuras, abajures e toda essa porcaria que se compra nas lojas esnobes da rua Laurier. Isso tudo acontece porque em McGill as pessoas aprendem a embelezar o cotidiano (LAFERRIÈRE, 2012, p.38-39).

A intenção de Miz Literatura, em tentar transformar o quarto de Vieux, revela a forma como ela manipula e impõe sua cultura. Seja nos objetos que traz, nos livros que propõe e nos lugares em que leva Vieux, sempre impera a sua superioridade de hábitos herdados da colonização canadense.

Corroborando essa ideia, Edward Said (1996) propõe que o colonizador sempre produz uma imagem estereotipada do colonizado. É como se ele sempre procurasse negar a individualidade do colonizado, como se a cultura desse necessitasse ser substituída, pela cultura da classe dominante.

Com isso, compreendemos que a obra de Dany Laferrière propõe um posicionamento ideológico, do negro da diáspora frente à autoridade colonizadora e aos discursos racistas, produzidos pelas pessoas do país que o acolhe. Notamos, dessa forma, que o revide do colonizado (negro) agora não é mais com armas, mas luta com as palavras e com atitudes descolonizadoras.

Diante disso, o negro mostra que a visão, deturpada desse como um sujeito inculto, subalterno e de que está apenas para servir aos brancos, é uma ideia ultrapassada, sendo que o escritor revela que os amigos possuem conhecimentos de literaturas ocidentais e orientais, estando aquém no que se refere ao conhecimento, do que muitos colonizadores.

Consideramos, assim, que Dany Laferrière nos propõe uma obra ficcional, em que muitos fatos se assemelham com a realidade e que nos mostra como utilizar as “armas intelectuais” para desconstruir o discurso colonizador.

REFERÊNCIAS

- ALEXIS, Jacques Stéphen. *Do realismo maravilhoso dos haitianos*. Tradução Normélia Parise e Zilá Bernd. Dérives: Montréal, n.12, p. 245-271. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/alexis/jalexis.pdf> . Acesso em 19 de janeiro de 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. 1925 – *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi* / Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2005.
- _____. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2012.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BONNICI, Thomas. *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2009.
- _____. *O Pós-Colonialismo e a Literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Vozes. 1992.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa, 1978.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CUCHE, Dennis. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- DUSSEL, Enrique. *O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Tradução Jaime A. Clasen. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da terra*. Juiz de Fora, MG: UFJF, 2005.
- _____. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Construções de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Ed. 34, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HANDERSON, Joseph. *Diáspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas*. In Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução Adelaine Laguarda Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LAFERRIÈRE, Dany. *Como fazer amor com um negro sem se cansar*. Tradução Heloisa Moreira e Constança Vigneron. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. *País sem chapéu*. Trad. Heloisa Moreira. São Paulo: Editora 34, 2011.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1989.

LOUIDOR, Wooldy E. *Uma história paradoxal*. In. *Haiti por si: a reconquista da independência roubada*. Adriana Santiago (Org.). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

MARS, Jean Price. *O folclore e a literatura*. Tradução Eugênio Michel da Silva. New York: Parapsychology Foundation INC, 1954. p.5 - 50: Ensaios de etnografia.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

MOREIRA, Heloisa C. A. *Traduzindo uma obra crioula: Pays sans chapeau de Dany Laferrière*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura Francesa da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em file:///C:/Users/Unir/Downloads/TESE_HELOISA_CALDEIRA_ALVES_MOREIRA.pdf. Acesso em 02 de agosto de 2015.

OYAMA, Maria H. V. D. *O Haiti como locus ficcional da identidade caribenha: olhares transnacionais em Carpentier, Césaire e Glissant*. Tese de doutorado apresentada

ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009. Disponível em <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp105318.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2015.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina in A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RODRIGUES, Luiz C. B. *Francês, crioulo e vodu: a relação entre língua e religião no Haiti*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <http://www.lettras.ufrrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/luizcarlosbalgarodriguesdoutorado.pdf>. Acesso em 16 de abril de 2015.

ROSA, Renata M. *A construção da desigualdade no Haiti: experiências históricas e situações atuais*. In: Revista Universitas: Relações Internacionais v. 4, n. 2. Brasília: 2006.

ROUMAIN, Jacques. *Gobernadores del rocío y otros textos*. Tradução Michaelle Ascencio. Biblioteca Ayacucho: Caracas, 1936.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução Tomaz Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCARAMAL, Eliesse S.T. *Haiti: fenomenologia de uma barbárie*. Goiânia: Cênone Editorial, 2006.

_____. *Entrevista: Religiosidades*. In Revista Senso Comum, nº 2, 2012, p. 10-17.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Tradução Beatriz Perrone Moi São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FILHO, Wladimir V. *O Brasil e a crise haitiana: cooperação técnica como instrumento de solidariedade e de ação diplomática*. Brasília: FUNAG, 2007.